

# CORREIO BRAZILIENSE

DE OUTUBRO, 1809.

---

Na quarta parte nova os campos ara,  
E se mais mundo houvera la chegára.

CAMOENS, c. VII. e. 14.

---

## POLITICA.

*Collecção de Documentos Officiaes relativos a Portugal.*

*Documentos Officiaes para servirem de complemento á historia da expulsão dos Francezes do Reyno de Portugal em Maio de 1809.*

1.º Officio do Excellentissimo Senhor Marechal Beresford ao Excellentissimo Senhor D. Miguel Pereira Forjaz.

**I**LLUSTRISSIMO e Excellentissimo Senhor : tive a honra de communicar a V. Excellencia, em a minha carta de hontem, que eu hia seguir o inimigo sobre a sua retirada, apparentemente para o Porto. Eu possuia bem as alturas e o passo dos Padrões da Teixeira, que o inimigo não defendia, guardando uma forte avançada de pouco mais ou menos 500 homens, em o caminho de Amarante, a uma legoa daquelle posto. Eu não tinha comigo, durante o dia, senão o Batalhaõ de Caçadores N.º 4 de 500 homens; porque á noite he que chegáraõ as Brigadas dos Marechaes de Campo Bacelar, e Lopes de Sousa.

Segundo as minhas ordens o Brigadeiro Silveira avançou de Villa Real a Gateães, aonde elle teve uma acção bastante viva com o inimigo, em a qual perdeo de 20 a 30

dos seus, tendo feridos á proporção. Havendo-se-me reunido esta manhã o resto da minha columna, me adiantei para Amarante, e recebi a uma legoa desta Villa a noticia do Brigadeiro Silveira de que o inimigo a havia evacuado, e de que o dito Brigadeiro a occupava com a sua divisaõ. O inimigo tomou o caminho de Guimaraens, e se elle tem intenção de passar para Braga, ou voltando sobre a esquerda, ir para o Porto, não tenho a respeito disto ainda informaçãõ sobre a qual possa julgar. Elle nos deixou aqui duas peças, e alguns bois.

Naõ he possivel pintar a cruel e infame conducta do inimigo; ella pôde ser facilmente traçada pelos lamentos dos infelizes Paizanos, das mulheres, e das crianças, e pelo fumo das Villas, Aldeas e casas incendiadas: elle a nada perdõa: esta Villa está inteiramente destruida: a de Mezaõ-frio o está em proporção do tempo que tiverãõ: infelizmente para esta elles a occupãõ varios dias. Deos guarde a V. Excellencia. Quartel General de Amarante 13 de Maio, de 1809.

W. C. BERESFORD, Marechal e Com. em Chefe.  
Senhor D. Miguel Pereira Forjaz.

2.º *Officio do Excellentissimo Senhor Marechal Beresford ao Excellentissimo Senhor D. Miguel Pereira Forjaz.*

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor: posto que em a tarde do dia 13, despois da minha chegada aqui, eu tive noticias de que o inimigo havia evacuado o Porto, foi á huma hora despois da meia noite de hontem que pude conseguir alguma certeza, e no mesmo instante fiz passar o meu corpo de Exercito a toda a pressa sobre Chaves, para diligenciar o avançar ao inimigo, pois que o não poderei apanhar seguindo-o, marchando elle sem artilheria e bagagens, que elle havia destruido perto de Penafiel, ou por causa de achar o caminho de Lamego occupado, ou por



causa da seguida marcha que lhe fazia Sua Excellencia o Marechal General.

Eu mandei com marchas forçadas a Brigada do Brigadeiro Silveira, reforçada pela Cavallaria commandada pelo Conde de Sampaio, e pelo 4.º Batalhaõ de Caçadores, para occupar a passagem de Chaves, Ruivães, e as alturas que conduzem a Monte Alegre, em quanto o resto das Tropas se encaminha directamente a Chaves, a fim de que eu possa finalmente encaminha-las a algum ponto, por onde o inimigo venha sahir a Tras-os-Montes. Se elle se encaminhar pela estrada de Melgaço, o Brigadeiro tem ordens em consequencia. Eu parto já para Chaves. Hontem á noite recebi a informação de Sua Excellencia o Marechal General de que elle havia batido os Francezes no Porto, e entrado naquella Cidade. O portador da sua primeira carta não chegou senão esta manhaã. Deos guarde a V. Excellencia. Quartel General de Amarante, 15 de Maio de 1809.

W. C. BERESFORD, Marechal e Com. em Chefe.  
Senhor D. Miguel Pereira *Forjaz*.

3.º *Officio do Excellentissimo Senhor Marechal Beresford ao Excellentissimo Senhor D. Miguel Pereira Forjaz.*

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor: tive a honra de communicar a V. Excellencia em Amarante as minhas intençoens, e as disposiçoens que havia feito para embaraçar a retirada do inimigo, e tenho o pezar de haverem sido infructiferas, havendo-se-nos adiantado, e escapado aqui (ultimo lugar em que eu tinha algum prospecto de o interceptar) e isto por bem poucas horas; e as circumstancias me impossibilitaõ de o seguir mais tempo.

Eu parti de Amarante a 15, tendo avançado a maior parte das minhas Tropas a 14, na esperanza de as ter reunido em Chaves a 16; mas o pessimo tempo, e os máos caminhos, ainda peores com as chuvas continuadas, im-

pediraõ a chegada das Tropas até 17 á noite, e a Brigada do Marechal de Campo Bacellar naõ chegou senaõ a 18.

As ordens que eu tinha dado ao Brigadeiro Silveira de occupar as embocaduras das passagens para Tras-os-Montés, o tempo lhe naõ permittio de o fazer antes que o inimigo se tivesse apoderado dellas ; mas em todo o caso naõ as haveria podido defender, por ter marchado para alli só, tendo toda a sua Brigada passado na maior desordem por um caminho opposto, á excepçaõ do Batalhaõ de Caçadores N.º 4, a quem eu mesmo havia ordenado, que tomasse o caminho de Mondim. O inimigo tendo chegado a Ruivães, e vendo que se encaminhava sobre Monte Alegre, ordenei ao Brigadeiro Silveira de ajuntar o seu Corpo em Ardões, entre aquelle lugar, e Chaves, com ordem positiva de se naõ mostrar sobre o caminho por onde hia o inimigo, a fim de lhe naõ dar a conhecer, que nós estavamos sobre o seu flanco, tendo ainda a esperança de o cortar, passando de Chaves a Ginço, por onde elle de necessidade devia proximamente passar. Com este objecto sahi de Chaves a 18, com toda a força que me havia chegado, e eu tomei um caminho curto por S. Maillion, deixando Monte Rey á direita ; mandando ordem ao Brigadeiro Silveira de se unir a mim naquella noite a S. Maillion ; naõ pude deixar de me admirar, que este Official, contra as minhas ordens, se houvesse encaminhado sobre Monte Alegre, tanto que o inimigo o passou ; pelo qual movimento eu fui privado aqui do total da sua força, e do Batalhaõ de Caçadores N.º 4 ; e a Brigada do Marechal de Campo Bacellar naõ havendo chegado, naõ estou aqui senaõ com pouco mais de metade das minhas forças, que estaõ bastantemente cançadas ; e como uma seguida mais longe só servirá para mais fatigar as Tropas, sem probabilidade de poder alcançar o inimigo, contentei-me de mandar Cavallaria no seu alcance até um pouco alem de Alhariz, e farei entrar o resto do Exercito em Portugal.

Eu cheguei hontem aqui com a vanguarda do Exercito, e nós achámos que partidas inimigas estavaõ de posse deste lugar ; porem ellas fugiraõ quando nos viraõ, assim como outras partidas que estavaõ sobre as alturas, entre este ponto, e Alhariz ; e o corpo principal do inimigo chegou hontem a este ultimo sitio ; e pelas descobertas de Cavallaria, que hontem mandei fazer daquelle lado, sube que estava prompto a marchar ás onze horas, e supponho que já terá chegado a Orense, se for esta a sua tençaõ. Deos guarde a V. Excellencia Quartel General em Ginço, 20 de Maio de 1809.

W. C. BERESFORD, Marechal e Com. em Chefe.  
Senhor D. Miguel Pereira Forjaz.

4.º *Officio do Excellentissimo Senhor Marechal Beresford ao Excellentissimo Senhor D. Miguel Pereira Forjaz.*

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor : Em a minha carta de Ginço eu havia communicado a V. Excellencia o haver mandado tres Esquadroens de Dragoens, ás ordens de Tenente Coronel Talbot, do 14.º Regimento de Dragoens Inglezes, para seguir o inimigo sobre Alhariz, e além deste lugar pelo caminho de Orense, com o objecto de lhe fazer apressar a sua marcha ; e a sua parte me chegou aqui de que elle executou esta ordem, e encontrou a sua retaguarda postada a meia distancia entre Orense e Alhariz, e que o grosso do seu Exercito havia passado a ponte do primeiro destes lugares, e fazendo huns 50 prisioneiros, voltou segundo as minhas ordens a Ginço. Tenho muito que louvar os serviços deste Official. Deos guarde a V. Excellencia. Quartel General de Coimbra, 26 de Maio de 1809.

W. C. BERESFORD, Marechal e Com. em Chefe.  
Senhor D. Miguel Pereira Forjaz.

*Hespanha.**Officio do Marquez de la Romana.*

O Senhor D. Antonio Cornel, Secretario do despacho universal da guerra, me escreve o seguinte em data de 6 de Julho :

Excellentissimo Senhor : o Senhor D. Martim de Garay em data de 2 do corrente me escreveo a ordem seguinte :

Nó meio dos graves cuidados e continuos disvelos da Juncta Suprema Governativa do Reino, para continuar com actividade e firmeza na defensa da Patria, não perde de vista o grande e peremptorio interesse com que reclama toda a Nação, para que empregue seus trabalhos nas saudaveis refórmas, que exige a sua actual situação, e que devem servir de base á sua prosperidade futura. Hum dos mais graves negocios, que chamaõ hoje a sua attenção, e de que deve occupar-se com a maior actividade e madureza, he a convocação das Cortes, objecto o maior, e mais digno, em que póde e deve empregar-se a Juncta Suprema. Quanto mais importante he este objecto, tanto mais necessarias saõ as luzes, as observaçoens, e a experiencia dos que a compóem ; e como em uma discussão de tanta transcendencia seria mui reparavel aos olhos da Nação que não concorressem todos para ella, S. M. foi servido determinar que se reunaõ á Juncta todos os Vogaes, que os acontecimentos anteriores tem obrigado a ter até agora fóra do seu seio nas delicadas commissoens, e lugares que os mesmos tem exigido. Ainda que he sensivel a S. M. que o Senhor Marquez da Romana se separe das suas tropas, como o deve fazer em virtude desta soberana e leal determinação, para vir a esta Cidade exercitar as funcçoens de Representante do Corpo Nacional, pela difficuldade de pôr a sua frente um Chefe da sua experiencia e conhecimentos : com tudo, attendido o estado do Reyno da Galliza, e Principado das Asturias, necessita

a Juncta ouvillo de vagar, para que a instrua sobre os meios de tirar partido das circumstancias em que se achaõ e que de outro modo he impossivel que se inteire a fundo, para o acerto em suas disposiçoens ; e por esta razaõ determinou tambem que o dito Senhor Marquez deixe o Commando do seu Exercito ao General que julgar mais conveniente. Transmitto-o a V. Excellencia de ordem de S. M. para seu cumprimento ; na certeza de que o Commando do Exercito não póde recahir no Marechal de Campo Conde de Noronha, porque estando nomeado por segundo Commandante General da Galliza, deve permanecer sempre neste Reyno.”

Em cumprimento da Real ordem precedente confiei o Commando do Exercito ao Marcehal de Campo D. Gabriel de Mendizabal, entreguei o deste Reyno ao Conde de Noronha, segundo Commandante General e Presidente da sua Real Audiencia. O que participo, a V. Excellencia para seu conhecimento e governo, e para que o faça saber ás Justiças, e ás mais Autoridades do districto do seu commando. Deos guarde a V. muitos annos.

de Agosto, de 1809.—o Marquez da ROMANA.

---

*Proclamação.*

Soldados : na Dinamarca penetrou nossos ouvidos a voz augusta de Fernando, e obedecemos até a seus écos. A Patria invocou nosso soccorro, e uma Nação generosa, surcando procellosos mares, nos conduzio até unir-nos com os valentes compatriotas, de quem nos tinha affastado a atroz perfidia e a vil prostituição de um valido : á vossa frente tenho resistido desde entaõ aos mortaes golpes, com que o tyranno Napoleaõ pertendeo affogar nossa existencia: soffrestes comigo o abatimento que a sua incomparavel força diffundio na Nacaõ inteira, e em toda a Europa ; porém vós sem mais auxilios do que o vosso valor,

sem mais armas do que a vossa inimitavel constancia, sem mais estimulos do que o vosso heroico patriotismo, sem mais divisa do que a de Hespanhol e sem mais ambição do que a inspirada por vossa honra e fidelidade tendes disputado as primicias do triumpho, e tendes posto os vossos nomes a par dos homens nascidos para a admiração.

Galliza fica coberta de cadaveres Francezes : nem a antiga Carthago, nem a moderna França podem comparar suas marchas com as incessantes, que em seis mezes de desnudez, fome, e miseria, tendes feito pelos impenetraveis Alpes de Castella, Galliza e Asturias, na Estação mais irresistivel aos seus rigores.

Immortaes guerreiros! Não tendes dado ruidosas batalhas; porém tendes annihilado o mais soberbo Exercito do Tyranno; auxiliando o patriotismo nacional, sustentando a nobre fermentação, fatigandó as tropas inimigas, destruindo-as em pequenos combates e reduzindo o seu dominio ao terreno, que pizavaõ, tendes cumprido as mais altas obrigaçoens de soldado, e eu vos devo o prémio a que tem aspirado as fadigas, os cuidados e as meditaçoens, que me tem occupado como General.

A Patria tem ignorado por muito tempo os vossos melhores serviços: porém as acçoens de Villa Franca, Vigo, Campos de Lugo, Sant-Iago e Sampaio, aonde tem brilhado o vosso valor, vos libertaraõ de qualquer nota contraria, por ter recusado batalhas funestas, e vos faraõ temiveis a huns inimigos que tem sido vencidos e arrojados, quando a superioridade de suas forças não he um obstaculo absolutamente inaccessivel ao vosso valor.

Sim! bravos Hespanhoes! Ao contemplar-vos neste dia me falta o sangue frio, que me sobrava á vossa frente. Não sou ja vosso General—S. M. me separa de vós para occupar um lugar na Suprema Juncta Central. Se não fôra esta sua irresistivel vontade, nada me apartaria do vosso lado, nem me faria renunciar ao direito que tenho de

participar de vossas futuras victorias, debaixo das ordens do novo Chefe, e Generaes que vos mandaõ. Recebei, soldados, a ultima voz do vosso General, e contai desde hoje com o amor e gratidaõ paternal do vosso compatriota e companheiro de armas.—O Marquez da Romana.—

*Conta official da batalha de Talavera, dada pelo gen. Cuesta ao Secretario de guerra. Sevilha, 7 de Setembro 1809.*

EXCELLENTISSIMO SÑR. Mudei o meu quartel-general para Velada, aos 21 do corrente, conforme ao que disse no meu primeiro despacho, da mesma noite. Esta communicaçã foi feita depois de eu ter visto, na noite daquelle dia, o valente e lustroso exercito Inglez.—Havendo-se reunido éstas forças naquelle lugar, ordenei á minha vanguarda, que se postasse diante de Velada, concluindo que o fogo, que entaõ descubri, éra uma escaramuça das nossas partidas, com o corpo avançado do inimigo, postado; na quelle tempo, no districto de Gamonal, duas leguas distante de Talavera, e que subsequentemente foi derrotado, e perseguido até Casas. Ao romper do dia 22 estando o meu exercito juncto na extensa planicie entre Velada e Talavera, mandei que a vanguarda, commandada pelo intrepido brigad. gen. D. José de Zayas, carregasse o inimigo, qué tinha sido reforçado pela divisaõ de cavallaria do gen. Latour Maulbourg; e mandei que as divisoes de infantaria e cavallaria marchassem em ordem cerrada, avançando assim para Talavera, de maneira que pudessem resistir ao ataque se os Francezes trabalhassem por forçar a sua entrada neste lugar, ao que pareciam estar determinados. O officio de Zayas N. 1., que remetto nesta occasiaõ, vos dará um perfeito conhecimento do que occureo na quella manhaã.—Todo o exercito seguiu a vanguarda, passando por Talavera, e tomou a sua posiçaõ em um olival, entre aquelle lugar, e o rio Alber-

che. O exercito Britanico marchou, na noite de 21, de Oropezo, e na manhaã seguinte se unio com nosco ; e, em quanto a van-guarda atacou e repulsou o inimigo, os Inglezes tambem desfiláram por Talavera, para tomar posição na nossa esquerda, segundo o plano que se havia concordado. Foi, Excellentissimo Senhor, uma exhibição magnifica, ver os exercitos combinados, em uma planicie de duas leguas de extensão, avançando sobre o inimigo, o mais brilhante e agradavel era a admiravel ordem, firmeza, e valentia, com que este movimento foi executado pelos nossos alliados. Toda a noite de 22 empregamos em reconhecer o campo do inimigo, e entaõ fizemos alguns prisioneiros entre o mato, e os olivæes, os quaes não pudéram alcançar a sua vanguarda, tendo sido obrigados a retirar-se, em consequencia de uma carga intrepida da nossa cavallaria.—Durante todo o dia 23 nada acontecce digno de nota. Eu me empreguei em examinar a posição do inimigo, que tinha outravez concentrado as suas forças no districto de Casalegas, e nas alturas adjacentes, conservando a sua guarda avançada, supportada por algumas peças de artilheria, sobre a ponte e margens do rio Alberche, que fizéram fogo a maior parte do dia sobre as nossas partidas que escaramuçávam,—Eu tinha concordado com o general em chefe do exercito de S. M. Britanica, Sir Arthuro Wellesley, a respeito do ataque sobre a ponte, e margens do rio, antes de amanhecer ; e para este fim mandei adiante a 5<sup>a</sup>. divisaõ de infantaria sob o commando do marechal de campo D. Luiz de Bassecourt, na noite de 23, em ordem a que, depois de haver cruzado o váo de Cardiel, tres leguas distante de Talavera, elles pudessem marchar pelas alturas contiguas de maneira que, ao romper do dia 24 cahissem sobre a retaguarda e flanco direito do exercito do inimigo, em Casalegas. Em a mesma hora me propuz a attacar em pessoa, sobre o flanco esquerdo, e parte de sua frente, em quanto o exercito Inglez atacava o todo da direita. A



fugida do inimigo durante a noite de 23 desconcertou este plano; e quando, ao amanhecer dos 24, vimos o campo Francez abandonado, eu julguei conveniente seguir o inimigo com o meu exercito somente (pois o exercito Britanico ficou em Casalegas e margens do Alberche) com a esperanza de alcançar-lhe a retaguarda, ou alguma porção de seu exercito. As noticias que obtive no caminho me informáram de que os Francezes tinham marchado em duas columnas, por Santa Olalla e Cebolla, e em consequencia dividi o meu exercito de maneira, que os pudesse seguir em ambas as direcçoens.

Naõ obstante a marcha forçada do meu exercito, que fez o seu progresso naquelle dia sem maior fadiga, nos naõ pudemos alcançar o nosso fim; porque o inimigo tinha commeçado a sua retirada mui cedo, e procedido com grande rapidez. Aos 24, tendo-me postado em Santa Olalla, ordenei ás tropas que haviam tomado o caminho de Cebolla, que se me unissem, exceptuando o 5º corpo, o qual deixei aqui para guardar o districto; pondo a vanguarda nas vizinhanças de Alcabon, donde fôram desalojados os piquetes do inimigo, e perseguidos até Torrijos, onde uma consideravel parte estava postada.—Todo o dia 25 foi destinado a dar descanso ás tropas, e proporcionar as raçoens, que eram extremamente escaças. Durante o dia algumas partidas dos Francezes se empregáram, ja em fazer esforços para nos desalojar de nossos postos, ja em reconhecer a nossa situaçaõ, mas em ambas as tentativas fôram mal succedidos, em consequencia do valor dos officiaes que commandavam as partidas de escaramuçadores, que os attacáram de todos os lados, e impediram que se approximassem. A's nove horas da noite do mesmo dia, tive informaçaõ de que o inimigo se avançava por Torrijos, e que todo o seu exercito estava em movimento; porem os meus avizos me naõ informávam para que ponto procedia a maior parte. Ouvindo isto, fiz saber aos ge-

neraes o que se passava, e despachei um official ao gen. Wellesley. Em consequencia de sua determinação e direcção, e achando a minha vanguarda poderosamente atacada, na manhã de 26, por uma força mui superior, e o inimigo indicando um designio de fazer um ataque geral; me resolvì a fazer um movimento retrogrado sobre o Alberche, e reunir-me com os Inglezes o que effectuei na noite do mesmo dia.—Os officios do brigadeiro gen. D. Jozé de Zagas, e do ten. gen. Duque de Albuquerque N. 2 e 3, explicam os particulares da acção, na manhã daquelle dia, em que os corpos aqui mencionados adquiriram grande credito pela sua firmeza e valor, &c.—Assim concluiu a noite de 26; e depois de ter conferido com o gen. Wellesley sobre a nossa situação, na quella noite, resolvi tornar a passar o Alberche, na manhã do dia seguinte, quando concordamos que a linha direita fosse occupada pelo exercito Hespanhol, e a esquerda pelo Inglez. A vanguarda Ingleza ficou, durante aquella noite, em Casalegas, e nas alturas contiguas, commandando o ten. gen. Sherbrooke, com ordem de retirar-se para a margem opposta do rio, o que foi obedecido na manhã de 27.—Devo agora observar, que na manhã de 24, o marechal Victor se retirou do posto que occupava nas margens do Alberche, em ordem a evitar o ataque intentado naquelle dia pelos exercitos alliados; e ao depois se unio, nas vizinhanças de Toledo, com as forças de Sebastiani, e com 8.000, que formávam a guarda do Impostor Real, o qual tomou o commando do todo, assim congregado, assistido pelos marechaes Jourdan, e Victor, e pelo gen. Sebastiani.—Pareceo agora, que o inimigo desejava entrar em uma acção geral, pelos frequentes aproches da sua guarda avançada, e pela occupação de Santa Olalla, com todo o seu exercito, na noite de 26. Os seus postos exteriores se aproximaram então do exercito alliado. Nestas circumstancias, ao amanhecer do dia 27 se concordou na posição que deviamos tomar; e Sir Arthuro Wellesley or-

denou ao gen. Mackenzie, com uma divisaõ de infantaria Ingleza, e uma brigada de cavallaria, que se conservassem nos olivæes sobre a direita do Alberche, onde ésta partida, que compunha a vanguarda, podia cubrir o flanco direito do exercito Britanico.—Todo o exercito combinado occupava uma extençaõ de terreno de mais de tres milhas, a direita, para a parte do Tejo, estava cuberta pelas nossas tropas nacionaes, chegando até á frente de Talavera. O terreno para a esquerda estava occupado pelo exercito Inglez, que se abria, e tinha a cavalleiro um outeiro, onde se ajunctou, em segunda linha uma divisaõ de infantaria Ingleza, debaixo das ordens do gen. Hill. Entre este outeiro e uma cadeia de montes, alguma cousa distante, ha uma tapada, que ao principio o gen. Wellesley não mandou que se defendesse, por que tinha a cavalleiro de si o outeiro, e porque se julgava estar demasiado distante para que pudesse ser de alguma utilidade na batalha, que se esperava. Todo o terreno sobre que estava formado o exercito Hespanhol, era cuberto de olivæes, intersectado com sinuosidades, desigualdades, e cabanas. A estrada maior, que vai para a ponte do Alberche, era defendida por uma forte batteria, servida pela nossa infantaria, em frente da Hermida de N. Senhora do Prado; os outros caminhos do districto estâvam defendidos da mesma sorte. Talavera estava protegida por uma guarniçaõ, nomeada para esse fim; e o resto da infantaria Hespanhola, formando duas linhas, estava postado por detras de uma aldea, que fica na extremidade do districto, e formava uma linha, em continuação da posiçaõ, que occupâvam os Inglezes. No centro, e entre os dous exercitos, havia uma elevaçã de terreno, onde os Inglezes tinham começado a construir um forte reducto; tendo na sua retaguarda uma pequena planicie. Neste ponto estava postado o gen. Inglez Campbell, que commandava uma divisaõ de infantaria, sustentada pela brigada de dragoens do gen. Cotton, e por alguns esquadroens da nossa caval-

laria.—Arranjado assim o nosso exercito combinado, s  
aprezentou o inimigo em força consideravel, manifestan-  
do, ao principio, intençoens de attacar a divisaõ da van-  
guarda, commandada pelo gen. Mackenzie. De facto,  
executou este designio, antes que aquelle official pu-  
desse retirar-se para a sua propria posiçaõ, mas estas valo-  
rosas, e bem disciplinadas tropas, que compunham a bri-  
gada do gen. Mackenzie, do coronel Donkins, a brigada  
de cavallaria do gen. Anson, e os seus corpos, sustentados  
pelo gen. Payne, com 4 regimentos de cavallaria, posta-  
dos na planicie, e olivæes de Talavera, se retiráram na  
mais admiravel ordem, mas naõ sem perca nos olivæes,  
particularmente dous dos corpos desta divisaõ. A regu-  
laridade, firmeza, e fortaleza de todas éstas tropas, assim  
como os talentos militares do gen. Mackenzie, fõram con-  
spicuos em todos os movimentos, e este official merece os  
maiores louvores, e admiraçaõ, pelo seu sangue frio, e  
serenidade com que retirou esta divisaõ para a esquerda  
do exercito Britanico.—O numero do inimigo, augmen-  
tou-se sobre a margem direita do Alberche, á proporçaõ  
que o dia se avançou, e tudo indicou a sua determinaçaõ  
de dar batalha ás forças combinadas.—Aproximando-se a  
noite começou elle um ataque furioso, por uma canhona-  
da, e por uma carga com toda a sua cavallaria, sobre a  
direita, occupada pela infantaria Hespanhola, com o de-  
signio de romper as nossas linhas, postadas como fica dicto.  
Este ataque foi recebido por um fogo activo, perfeita-  
mente bem sustentado, tanto pela artilheria, como pela  
musqueteria, o que desconcertou o proposito do inimigo,  
e o poz em fugida, a um quarto depois das oito horas.  
Durante este tempo uma forte divisaõ dos Francezes, se  
avançou pelo vale para a esquerda da altura occupada  
pelo gen. Inglez Hill, de que obtivéram, com grande  
perca, uma posse momentanea. Porem Hill tornou logo  
a carregar com a bayoneta calada, expulsou o inimigo,

e recobrou o seu terreno.—De noite repeliram os Francezes o seu ataque mas não fôram bem succedidos, e soffrêram grande perda. Ao amanhecer do dia 28, voltáram com duas divisoens de infantaria, mas fôram repulsados pelo valoroso Hill, o qual não pôde ser intimidado pelas suas repetidas tentativas, nem pela progressiva accumulção das forças dos assaltantes.—O gen. Wellesley, em consequencia destes renovados esforços do inimigo, pelo vale, na esquerda do outeiro ; mandou para ali duas brigadas da sua cavallaria, sustentadas pelo ten. gen. Duque de Albuquerque com toda a sua divisão de cavallaria.

Os Francezes, vendo este movimento, mandáram attiradores para a cadea de montes á esquerda do vale, os quaes attiradores fôram assaltados pela 5.<sup>a</sup> divisão da minha infantaria sob o marechal de campo D. Luiz Bassecourt, que os desalojou com muita perca.—O ataque geral commecou pelo avanço das differentes columnas de infantaria do inimigo, com a intençaõ de atacar o outeiro occupado pelo gen. Hill. Estas columnas fôram carregadas por duas partidas de dragoens Inglezes, commandadas pelo gen. Anson, e conduzidas pelo ten. gen. Payne, e sustentadas pela brigada de cavallaria de linha do gen. Tanne. Um destes regimentos de dragoens Inglezes soffreo muito ; mas esta espirituoza carga produzio o effeito de desconcertar os designios do inimigo, que soffreo mui grande perca. Ao mesmo tempo os Francezes atacaram o centro do exercito, onde estava postado o gen. Inglez Campbell, tendo na sua direita o ten. gen. D. Francisco de Eguia ; o inimigo foi repulsado por ambos estes generaes, os quaes tinham a sua infantaria sustentada pelo regimento de cavallaria d'El Rey, e pela divisão do ten. gen. D. João de Henestrosa. Este corpo se cubrio de gloria, na carga que fez sobre a infantaria do inimigo, durante a qual voltou a columna porque tinha sido atacado ; debaixo desta vantagem, a infantaria Ingleza, protegida pela Hespanhola,

se apossou da artilheria do inimigo. Ao mesmo tempo que isto succedia, atacáram os Francezes com grande furia o centro do exercito Inglez, commandado pelo gen. Sherbrooke. Os inimigos fôram recebidos com extraordinaria coragem, e fôram repulsados por toda a divisaõ Ingleza, que carregou com a bayoneta calada. Mas a brigada Ingleza das guardas, que foi levada adiante precipitadamente, no ardor da batalha, avançou demaziado para a vanguarda, e foi por consequencia obrigada a retirar-se debaixo do fogo da segunda linha, composta da brigada de cavallaria do gen. Cotton, e de um batalhaõ de infantaria destacado do outeiro pelo gen. Wellesley, logo que elle observou a remota situaçaõ das guardas. O gen. Howard, que commandava a artilheria Ingleza, se distinguio pela sua extraordinaria coragem, e executou os mais importantes serviços.—O ten. gen. D. Francisco de Eguia, meu segundo em commando, estava postado na minha esquerda, com a 3.<sup>a</sup> 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> divisoens, commandadas pelos generaes, Marquez del Portasgo, D. Raphael Manglano, e D. Luiz Alexandro Bassecourt, mas este teve ordem para sustentar a divisaõ de cavallaria do ten. gen. Duque de Albuquerque, que foi destacada para reforçar o exercito Britanico. Os officios N. 4, 5, e 6, destes generaes, vaõ aqui inclusos para informaçã de S. M.—Eu tomei, debaixo das minhas ordens particularès, o centro e a direita, sem me descuidar, com tudo, da superintendencia do resto; e com muita satisfacçaõ notei a conducta dos generaes do 1.<sup>a</sup>, e 2.<sup>a</sup> divisaõ do Marquez de Zayas, e D. Vicente Igleziàs, assim como D. Joaõ Bereuy, e ten. gen. D. Joaõ Henestrosa, &c.—A perca do inimigo foi mui grande. Deixáram os Francezes no campo de batalha de 4 a 5 mil homens, e o numero dos seus feridos computa-se a mais 5.000. Dous ou tres generaes fôram mortos, varios ficáram feridos; e, ao menos, 400 outros officiaes. Tomamos 12 peças de artilheria, e muitos carros

de munição, e a derrota foi uma das mais completas, considerando que nos estavam obrando na defensiva. Os Inglezes perdêram o gen. Mackenzie, o brigadeiro general Langworth, e outros officiaes de distincto merecimento, e gradação. O total dos seus officiaes mortos e feridos he 260, e o dos soldados 5.000. A nossa diminuição he muito menor. D. Raphael Mangiano ficou ferido, e 50 mais dos nossos officiaes fôram mortos ou feridos; e 1.150 soldados. A nossa artilheria foi servida com habilidade e fortaleza, e os nomes daquelles officiaes, cujos talentos se mostráram mais conspicuamente, saõ mencionados nos officios dos seus respectivos generaes.—Seria uma negligencia do meu dever, se eu não communicasse a V. Ex.<sup>a</sup>, para informação de S. M., que a conducta do gen. em Chefe Britanico, Sir Arthuro Wellesley, e a dos generaes, e officiaes subordinados, e soldados debaixo de seu commando he superior a todo o louvor. Eu tenho visto o entusiasmo com que estes fieis alliados tem derramado o seu sangue em copiosas torrentes, na defesa da liberdade, e nenhuma linguagem póde expressar adequadamente os sentimentos de gratidão, que anímam os nossos corações. Com a maior satisfação tenho observado o meu exercito, congratulando os nossos companheiros pela victoria alcançada, e misturando com exclamações indicativas da mais ardente affeição os appellativos de “nossa patria, e Fernando,” com os dos nossos poderosos, e generosos alliados. (Seguia-se a lista dos officiaes que se distinguíram.) —Quartel general, Cabana-d’Oliveira, 7 de Agosto 1809.

(Assignado) GREGORIO DE LA CUESTA.

A. S. Ex.<sup>a</sup> D. Antonio Cornel.

Sevilha, 1 de Setembro.

DECRETO REAL.

Sua Magestade não preencheria os seus desejos, nem as esperanças do seu povo, se ao mesmo tempo, que tra-

balha por livrar o paiz da oppressão do seu Tyranno, não fizesse todos os esforços para corrigir os vicios, que existem n'administração interna; e para erguer esta magnanima, e generosa nação ao alto grao de esplendor, e poder, a que ella tem direito pela fertilidade do seu terreno, benignidade do seu clima, extenção de suas costas, e pela possessão das suas ricas colonias. Entre os obstaculos, que se tem constantemente opposto aos progressos da nossa agricultura, industria, e commercio, tem o primeiro lugar as contribuiçoens, chamadas *alcabulas*, *cientos*, e *millones*; impostos, que obstruindo a circulaçãõ interior, e pezando dezigualmente sobre as producçoens das terras, sobre manufacturas, e em geral sobre todos os objectos de commercio; tem não somente tornado odiosa a administração fiscal, e até a mesma industria; mas, o que he ainda mais, descarregando sobre ella golpes incuraveis, tem sempre sido hum fraco recurso para supprir as necessidades do Estado. A observaçãõ, e experiencia tem mostrado os seus effeitos prejudiciaes. Tem-se gritado pelo remedio, e vista a declinaçãõ das nossas manufacturas, pelo systema mercantil, unanimemente abraçado por todas as Naçoens da Europa. Mas posto que o Governo conhecesse estes deffeitos, e os reformasse parcialmente, estas reformas eraõ somente hum novo vicio, que envolvia cada vez mais o systema. A final chegou o tempo, em que os bons principios haõ de triumphar sobre a ignorancia; e a nação, que se tem mostrado grande, e magestosa aos olhos de toda a Europa pelo seu valor, e pela sua virtude, se mostrará tambem tal pela liberalidade dos seus principios, e bondade da sua administração interior. A Suprema Juncta do Governo do reyno está bem convencida, que as riquezas dos individuos saõ as riquezas do Estado, e que nação alguma pode ser rica sem animar a agricultura, commercio, e industria; e que a industria em geral não acrescenta, mas remove os obstacu-



los, que podem obstruir as Leis tanto fiscaes, como civis. Por estas consideraçõens a Juncta Suprema não pode deixar de occupar-se desta grande obra, começando com a mais urgente reforma, qual he a das contribuiçoens, e providenciando em Lugar das abolidas, outras sobre couzas que sejaõ mais proprias para contribuir-se, distribuindo-as igualmente entre os contribuidores, extorquindo-as em tempo, e da maneira menos offensiva, e arrecadando-as com a menor despeza possivel. Assim as contribuiçoens, que saõ sempre um mal, cabiraõ somente sobre aquelles, que podem contribuir, seraõ applicadas aos seus verdadeiros objectos, e não á manança de um sem numero de sizeiros, que so saõ estereis consumidores, e outras tantas maõs perdidas para a industria. Em consequencia, pois destes principios, o Rey nosso Senhor Don Fernando VII. e em seu real nome a Suprema Juncta do Governo do reyno, decreta o seguinte.

ART. I. As contribuiçoens conhecidas com o nome de *Alcabalas, cientos, e millones*, seraõ abolidas, logo que se appropriem, e estabeleçaõ aquellas, que haõ de appropriar-se para supprir o seu lugar.

Art. II. A repartição das Finanças está encarregada de propor a Sua Magestade as contribuiçoens, que devem supprir o lugar das que haõ de abolir-se.

Art. III. O presente decreto será impresso, publicado, e correrá na maneira usual.

Do nosso Real Palacio de Sevilha, Agosto 7, de 1809.

Marquez de Astorga, Presidente,

MARTIN DE GARAY.

---

*America.*

*Rio da prata.*

*Proclamação do Governador de Buenos Aires.*

FIEIS E GENEROSOS VIZINHOS, E HABITANTES DE BUENOS AIRES! As abundantes e sinceras expressoens de

alegria, que tendes manifestado, desde o momento de minha chegada, á augusta capital do Vice Reynado, me offerecem a mais decisiva prova de vossa invencivel lealdade, e dos sentimentos de honra que vos animam. Nestes eu descubro a homenagem que vos offereceis á **MAGESTADE SOBERANA**, que eu represento, e os vivos sentimentos de vosso terno respeito pelo nosso Monarcha. Isto me mostra que, se vós prestais ésta veneração a mim que sou unicamente a sua sombra; he por causa do profundo do respeito pela pessoa e substancia donde essa sombra provem; a qual veneração tem sempre estado em perfeita coincidencia com o vosso character, e conducta. Finalmente isso me dá a mais authentica prova do nobre enthusiasmo que reyna em vossos peitos, da vossa firme adhesão á grande causa em que a metropole está empenhada, e de todas as virtudes sociaes, que vos adornam em vossas respectivas occupaçoens. Tal he a origem, e taes são os effeitos destas extraordinarias demonstraçoens de alegria, que tem excedido toda a minha expectação.

Eu faltaria ao meu dever se, nestas circumstancias, não reconhece a agradecida sensibilidade, e ardente satisfação, que estas affectuosas indicaçoens da vossa disposição tem produzido em mim. Nada poderá jamais riscar da minha lembrança o prazer que experimentei, na noite de 30 de Junho. Que magnifico espectáculo para um homem capaz de apreciar os sentimentos do coração, ver um numeroso povo, composto de todas as classes da sociedade, apressar-se, impellido somente pela sua fidelidade, a offerecer os seus serviços voluntarios, em termos os mais affectuosos, e acompanhados por todos os signaes de lealdade; na presença do representante do seu amado Soberano! O Tyranno, que nos opprime, nunca pode gozar tal scena de prazer, com toda a sua pompa, e circumstancias de esplendor, suas entradas publicas, e seus triumphos; porque por força e violencia elle só pode extorquir

applausos frios e fracos; ao mesmo tempo que os vossos saõ resultado natural de uma affeição desapaixonada, e ardente lealdade, que vós conferis á memoria de vosso augusto Principe. Naõ duvideis; este acto vosso, simples como parece ser, debaixo dos characteres de energia, naõ tem nada de commum com a ostentaçaõ e vaidade, mas he simplesmente a ingenua manifestaçaõ de vossos leaes sentimentos; he este o impenetravel muro que se hade oppor aos assaltos do inimigo. Em vaõ trabalhará elle por seduzir-vos com os seus artificios; ou debilitar a vossa fortaleza, espalhando entre vós as sementes da discordia. A impotencia de sua authoridade, e a inefficacia de seus maliciosos expedientes mostrar ao Mundo, que Buenos Aires naõ he o paiz, onde a perfidia pode ter a sua residencia. Eu vos asseguro, com toda esta franqueza que pertence ao meu character, que tenho a mais perfeita confiança na vossa lealdade; e que estou firmemente persuadido de que naõ tenho nada a recear desses vis agentes que o inimigo de vossa liberdade distribue por toda a parte, com o maligno fim de impor á sincera integridade do genero humano. Se a sua audacidade tentasse violar o vosso feliz terreno, com os seus asquerosos vermes, vós mesmos estarieis vigilantes para os descubrir, e destruir.

A esta grata reflexaõ, que vós taõ justamente mereceis, posso accrescentar outra igualmente desejavel. Eu naõ estou menos persnadido, de que a concordia e uniaõ de vossos sentimentos será o firme apoio do meu governo; e que a vossa subordinaçaõ á authoridade legitima dará novo vigor, e nova energia aos expedientes de segurança, que as circumstancias póssam requerer: e que todas as classes, entre este generoso povo, animado com o mesmo espirito, e cheio do mesmo entusiasmo, me jurará defender, até o ultimo momento de sua existencia, os sagrados direitos do nosso amado Monarcha, Fernando VII.

Vivei pois tranquilos e felizes, e descançai sempre nos meus mais sinceros e cordiaes esforços; por todos os meios, que estiverem no meu poder de augmentar a vossa felicidade.—Buenos Aires, 2 de Agosto, de 1809.

D. BALTAZAR HIDALGO DE CISNEROS.

---

*Austria.*

*Ordem do dia, publicada no quartel general do Imperador.*

Os meus amados vassallos, e ainda os meus inimigos, sabem, que eu não entrei na presente guerra por motivos de ambição, nem pelo desejo de conquista. A conservação propria, e a independencia, uma paz consistente com a honra de minha coroa, e com a segurança e tranquillidade, do meu povo, constituiram a elevada, e unica mira de todos os meus esforços.

Os acasos da guerra frustraram as minhas esperanças; o inimigo penetrou o interior dos meus dominios, e correo por elles esparzindo todos os horrores da guerra; mas aprendeo, ao mesmo tempo, a apreciar o espirito publico do meu povo, e o valor dos meus exercitos. Esta experiencia que elle comprou mui cara, e o meu constante cuidado em promover a prosperidade dos meus dominios, conduzio a uma negociação de paz.

Os meus ministros, authorizados para este fim, se ajunctáram com os do Imperador Francez. O que eu dezejo he uma paz honrosa; uma paz, cujas estipulações offereçam um prospecto, e a possibilidade da duração. O valor dos meus exercitos, a sua inconcussa valentia, o seu ardente amor da patria, o seu desejo, fortemente ennuuciado, de não depôr as armas até se ter obtido uma paz honrosa, não me permittiam acceder a condições, que ameaçavam abalar até os alicerces da monarchia; e deshorrar-nos.

O elevado espirito que anima as minhas tropas, me of-

ferece a melhor segurança de que, se o inimigo se enganar ainda a respeito dos nossos sentimentos e disposição, nós obteremos certamente o premio da perseverança.—Comorn, 16 de Agosto 1809.

(Assignado) FRANCISCO.

---

*França.*

*Carta de S. M. o Imperador e Rey.*

CONDE DE HONNEBOURG, NOSSO MINISTRO DA GUERRA !  
Os relatorios, que estão perante nós, contem as seguintes asserçoens.—Que o governador de Flushing não executou a ordem, que nós lhe demos, de cortar os diques, e inundar a ilha de Walcheren, logo que ali desembarcasse uma força superior inimiga.—Que elle rendeo a praça que lhe confiamos, antes que o inimigo tivesse passado o fosso ; não tendo a muralha brecha aberta practicavel, estando intacta, e por consequencia sem ter soffrido assalto, e ainda quando as trincheiras do inimigo estavam 150 toesas distantes da praça, e quando elle tinha ainda 4.000 homens em armas ; que em fim a praça se rendeo por effeito do primeiro bombardeamento.—Se tal he o facto, o Governador he culpado, e resta ver se a sua conducta se deve attribuir a traição, ou covardice.

Nós vos escrevemos ésta carta a fim de que logo que vós a tiveres recebido convoqueis um conselho de inquirição composto do Conde de Absville, Conde Rampou, Vice Almirante Trevenard, e Conde Sorgis.—Todos os papeis que se acharem na vossa Secretaria, na Marinha, no Interior, na Policia, ou em outra qualquer Repartição, e que disserem respeito ao rendimento de Flushing, serão mandados para o Conselho, para serem submettidos á nossa inspecção, com o resultado da dicta inquirição. Dada no nosso campo imperial em Schoebrunn, aos 7 de Setembro, de 1809.

NAPOLÉAÕ.

*Proclamação.*

Vienna, 9 de Setembro. Tem-se achado escondida nesta Cidade grande quantidade de armas. Dez mil espingardas fôram tomadas ao momento, que hiam a ser transportadas para Resburg. Muitos milhoens de florins se tem enterrado depois da entrada dos Francezes. Descubrio-se o lugar em que estavam escondidos, e fôram apprehendidos.—Sabe-se tambem que bilhetes de banco, ao valorde muitos milhoens, e outros effeitos pertencentes ao thesouro do governo estaõ occultos em differentes partes. O Imperador Napoleaõ promette a quem quer que os descobrir, a quarta parte da propriedade achada, de qualquer genero que sêja.—A informaçãõ pode dar-se verbalmente, ou por carta ao Intendente das Provincias, ao Intendente Geral, ou ainda aos Governadores das Provincias &c.—Dada no Quartel General, Schoenbrunn, 7 de Setembro, de 1809.

O PRINCIPE DE NEUFCHATEL, Maj. Gen.

*Inglaterra.*

A frota Britanica, segundo a conta exacta do mez passado comprehende 1057 vasos; dos quaes 265 saõ navios de linha. Estaõ no mar 94 náos de linha, 15 navios de 50 peças; 186 fragatas, 159 chalupas, 79 brigues, e 147 vasos menores.

---

## COMMERCIO E ARTES.

---

*Suecia.*

*Circular.*—Helsingburgo, 12 de Setembro, 1809.

O MINISTRO dos negocios estrangeiros tem a honra, em obediencia das benignas ordens de S. M., de comunicar a seguinte informaçãõ.

O Brigadeiro Imperial Francez, general Landrass Governador de Stralsund, declarou aos Embaixadores de S. M. Real, destinados á corte de França, ao tempo de sua chegada a Stralsund ; que, por via do general Francez Liebert, em Stetin, recebêra ordens do principe de Neufchatel, em que elle o informa, de que a communicacão *commercial*, entre a Pomerania e Suecia, se deverá acabar, e que a communicacão entre estes dous paizes se regulará na forma seguinte.—

Que a passagem dos paquetes entre Stralsund e Istadt, para os coreios, e cartas, será a unica que fique aberta ; e que os Consules Francezes, nos portos do Baltico, tem recebido ordens semelhantes, segundo o que refere o General Landrass.

O Encarregado de Negocios de S. M. Real, em Hamburgo, tem referido, em data de 25 do mez passado, que em consequencia da intercessão do Senador Bourienne, Ministro Imperial Francez no circulo da Saxonia Baixa, a respeito da questão de “ até que ponto o comboy Sueco que chegou defronte de Wismar, debaixo das ordens do major Wahlstedt, lhe podia ser permittido tomar carga para bordo, naquelle lugar, e despachar para portos Suecos.” Mr. Bouriene so podia dizer, que não recebêra ainda resposta de S. M. Imperial, mas que a esperava aos 27 ou 28 do mez passado, se as ordens de S. M. fossem logo despachadas.

---

#### *America.*

Consulado Americano em Londres, 28 de Septembro, de 1809.—A seguinte carta de Jaimés Simpson, Escudeiro, em Tangere, he publicada para informacão dos mestres de navios Americanos, e outras pessoas aquem isto importe, para seu governo.

“ Tangere, 26 de Agosto, de 1809. Aproveito ésta primeira occasião de vos informar, que por uma ordem re-

cente de S. M. Imperial todos os vasos, que se aproximarem de algum porto ou bateria, nestas costas de dia, sem arvorar as suas bandeiras, ou de noite sem mostrar uma luz em lugar conspicuo, se lhe fará fogo com bala.”—Tenho a honra de ser &c. (*Assignado*) JAIMES SIMPSON.

A Guilherme Lyman, Escud, Londres.

---

*Hollanda.*

Luiz Napoleaõ, pela graça de Deus e a Constituição do Reyno, Rey da Hollanda, e Condestavel da França. Visto o Relatorio do Director das rendas e despezas, datado de 8 de Septembro de 1809, temos decretado, e por este decretamos.

I. O transporte de fazendas coloniaes, manufacturas, e mercadorias, consideradas, no 10.<sup>mo</sup> artigo da lei da 31 de Maio de 1805, como mercadorias Inglezas, vindo do departamento da Zelandia, ou das ilhas de Ovêrflakhe, e Goedereede, e dirigindo-se a outras partes do Reyno, he prohibido até ordens ulteriores, sob pena de confiscação das fazendas transportadas em violação desta prohibição, e dos vasos empregados em as transportar.

II. Os habitantes do departamento de Zelandia, e ilhas acima mencionadas; entregaraõ, dentro em 24 horas, contadas do tempo em que forem citados para o fazer; ás pessoas que forem nomeadas para a receber, uma conta da quantidade e descripção de fazendas coloniaes, e reputadas manufacturas Britanicas, que tivessem em sua mão, ao periodo da invasaõ do inimigo, junctamente com as quantidades, e sorte das fazendas importadas por elles, ou compradas a outrem, depois da invasaõ, sob pena de confiscação certa, a bem do thesouro nacional, de todos aquelles artigos, que na visita e inspecção se achar, que não fõram completa, e veridicamente manifestados.

III. Da obrigação de entregar estas contas ficam izen-



tos todos os habitantes, que não tiverem maior quantidade dos dictos productos, ou fazendas do que he necessario para seu uso domestico.

IV. O director das rendas e despezas he encarregado da execucao do presente decreto, e nos refirirá as descubertas, que fizer em consequencia delle.

Dado nosso palacio Real de Haerlem, . aos 12 de Setembro, de 1809 : 4º. do nosso Reynado. LUIZ.

---

---

## MISCELLANEA.

---

---

*Parallelo da Constituiçãõ Portugueza com a Inglesa.*

Nº. 3.

*Forma de governo em Portugal, e em Inglaterra.*

*Pareto legi quisquis legem sanxeris.*

Ausonius in Pithaci sentent.

**A**S leis fundamentaes de uma Nação constituem os limites dentro dos quaes sómente he permittido ao Legislador, ou authoridade Suprema, promulgar leis, e governar o Estado. O legislador deve submetter-se ainda mesmo ás leis que publica de sua propria authoridade ; porque assim dá o exemplo de submissãõ legal, que nunca se póde inculcar demasiado ao povo ; e as frequentes dispensas e revogaçoens da legislaçãõ, produzem infalivelmente o seu desrespeito. Mas se estes motivos de politica, e prudencia devem induzir aos que possuem a authoridade suprema, a submetterem-se ás mesmas leis que promulgam ; motivos de justiça, e de obrigaçãõ estricta, os deve compellir a não ultrapassar os limites prescriptos pelas leis fundamentaes do Estado.

Os poderes magestáticos provem immediatamente do

direito natural ; ou, em outros termos, provêm da essencia e natureza da sociedade civil ; saõ por consequencia inalteraveis, e por tanto os mesmos em todas as Naçoens. Naõ he porem assim a respeito da forma de governo\* ; depende ésta da vontade das pessoas, que constituem tal ou tal sociedade civil, isto he, ésta ou aquella Nação.

Em Portugal he a forma de Governo Monarchica, e hereditaria. Tal a estabelecèram os povos, de commum accordo com seu primeiro Rey, nas Cortes de Lamego ; tal foi ao despois confirmada nas cortes de Coimbra, quando se tractou de eleger um novo Rey, e nova familia Rey-nante, em D. Joaõ I. ; tal foi a decizaõ dos povos, quando expulsando o poder de Felipe IV. de Castella, elegêram para seu Rey o Duque de Bragança D. Joaõ IV. ; tal se tem mostrado ser a vontade, ao menos tacita, da nação, na acclamação de todos os Reys ; e tal parece ser a opiniaõ de todos os escriptores de nota em Portugal.

Alem disto o Monarcha Portuguez he absoluto ; isto he, ácham-se concentrados em uma só pessoa phisica, e individual todos os poderes Magestáticos. E neste sentido se devem entender as pomposas palavras, que inventou o Marquez de Pombal para o proemio de muitos leis, publicadas em tempo d'El Rey D. Jozé ; onde se diz “ com meu poder Real, pleno, e supremo, que na terra naõ conhece superior ; quero, mando, he minha vontade ; ” palavras que fõram despois imitadas por alguns successores daquelle Marquez, taõ desejosos como elle de inculcar o despotismo ; mas sem duvida menos habeis, para pôr em execuçaõ suas illegaes intençoens. Quando pois digo, usando da fraze dos escriptores Portuguezes, que o Monarcha de Portugal he absoluto ; naõ entendo que elle tem

---

\* Por *forma de governo* entendo, a designação da pessoa ou pessoas, phisicas, individuaes, ou moraes, em quem hajam de residir os poderes magestáticos.

direito de obrar a seu capricho tudo quanto quizer bom ou máo ; porque nem o direito natural, que estabelece os direitos magestáticos tal pode permittir ; nem os povos que designáram a pessoa do monarcha, para exercitar esses direitos magestáticos, tal cousa podãam ter em vista na sua disignação ; nem o mesmo monarcha, se o suppozermos como o devemos suppor, justo e virtuoso, que- reria aceitar, caso alguém lho pudesse conferir, o direito de obrar mal.

He logo a idea de monarchia absoluta, em contraposição á de monarchia limitada, na qual algum ou alguns do poderes magestáticos podem ser exercitados por outra ou outras pessoas.

Digo pois, que o Monarcha de Portugal he absoluto, que só elle tem o direito de fazer leis para a administração interna do Reyno ; só elle tem o direito de administrar a justiça entre os individuos ou corporações particulares, sendo os magistrados meramente deputados do Soberano, e sem authoridade propria ; que só El Rey pode declarar a guerra ou a paz ; que só a elle compete o direito de impor tributos, estabelecendo rendas para as despezas publicas, e dispendendo os thesouros da nação no que fôr conveniente ; em uma palavra compete ao Rey de Portugal, o exercicio de todos os direitos magestáticos, sem que nenhum desses direitos possa ser exercitado por outro algum individuo ou corporação.

Mas ainda que ninguem possa exercitar os direitos Magestáticos senão El Rey, por ser a Monarchia Portugueza absoluta, dahi se não segue, que o Monarcha os possa exercitar a seu arbitrio, e méra vontade, mas sim, como fica dicto, a bem dos povos. Estas restricções, mui compatíveis com a idea, que fica explicada, da monarchia absoluta, provém, umas do mesmo direito natural ; outras do direito positivo. E deixando aquellas porque pertencem ao direito publico universal ; so se examinarão as que são peculiares á forma de Governo de Portugal.

Os Portuguezes quando estabelecêram a sua Monarchia, tinham assas conhecimento do Mundo para saber, que todos os homens tem paixoens, que os podem fazer abuzar dos poderes que se lhe concedem. Indubitavelmente um pay tem o direito de castigar, e corrigir seus filhos ; porém mostra a experiencia que tem havido, e ha, homens que tem abusado deste poder, até para os mais abominaveis fins. Por ésta razão se lembráram os Portuguezes nas Cortes de Lamego de impor certos limites ao exercicio da authoridade Real, e este direito da nação foi exercitado, em outras Cortes.

Assim, por exemplo, nas Cortes de Lamego se restringio a El Rey que não pagasse tributo ao Rey de Leaõ, declarando-se que se o fizesse ficaria indigno de governar. E El Rey ampliou isto dizendo, que seria indigno da vida qualquer descendente seu que fizesse cousa semelhante ; e ésta ampliação, que El Rey fez aos casos semelhantes, posto que sevéra por ser vaga, parece ter sido approvada pelos povos ; visto que a não contrariáram.

Nas Cortes de Coimbra, em 1385, entre outras restricções do exercicio dos direitos Magestáticos a que El Rey se obrigou, fôram, que El Rey não obraria cousa de importancia, sem ouvir os de seu conselho ; e que nunca faria guerra ou pazes sem consultar as Cortes.

Estas, e outras restricções, não tiram que a monarchia seja absoluta, por que não dão a ninguem, senão ao Rey, o poder de exercitar os direitos magestáticos ; simplesmente designam os casos, ou o modo, porque El Rey os deve exercitar ; para prevenir o abuso que podia occorrer.

A existencia destas cortes, que são uma assemblea da nação, representada por seus deputados, ou procuradores, he ja de si mesma uma restricção ao exercicio dos poderes magestáticos ; podendo até alterar a forma do governo ; porque se as Cortes, ellegendo o seu primeiro monarcha, pudéram estabelecer uma forma de governo ; tambem he claro que a podem revogar, a estabelecer outra. Como de facto

tem revogado umas, o que outras cortes tem feito. Nas cortes de Torres Novas, por exemplo, em tempo de D. Pedro II. se revogou um artigo das Cortes de Lamego, e de tanta importancia, que dizia respeito ás leis da successão ; porque, determinando as Cortes de Lamego, que morrendo El Rey sem ter filho ou filha, succedesse na coroa o irmão d'El Rey, acrescentava, que o filho desse irmão d'El Rey não pudesse succeder na coroa, sem preceder nova eleição do povo. Este importante artigo, soffrendo uma alteração, nas cortes de Torres Novas, prova indubitavelmente que as Cortes podem alterar as leis fundamentaes da monarchia.

Em Inglaterra a fórma de Governo que estabeleceo o Conquistador foi Monarchica, mas com o appendiculo dos feudos, e sem nenhuma restricção saudavel. Henrique I. que subâra ao throno excluindo seu irmão mais velho, vendo que o melhor meio de manter o seu poder éra conciliar a affeição dos povos, mitigou o rigor das leis feudaes a favor dos Baroens, e fez com que estes extendessem aos seus vassallos as mesmas liberdades, que o monarcha lhes concedia. Em tempo de Henrique II. se reviveo o costume, commum a todas as naçoens descendentes dos Godos, do process o por *jurados*, e no reynado d'El Rey Joaõ, se estabeleceo a *Magna Charta*, que lançou solidos fundamentos á fabrica da liberdade Ingleza ; prescrevendo mui claramente os modos porque El Rey deveria administrar a justiça aos individuos.\* Assim se melhorou gradualmente a forma de governo em Inglaterra.

---

\* “ Nulus liber homo capiatur, vel imprisonetur, vel disseaiatur de libero tenemento suo, vel libertatibus, vel liberis consuetudinibus; aut utlagetur, aut exuletur, aut aliquo modo destruat; nec super eum ibimus, nec super eum mittemus, nisi per legale iudicium parium suorum, vel per legem terræ. Nulli vendemus, nulli negabimus, aut differemus, justitiam vel rectum.”—*Magna Charta*, cap. xxxix. 40.

He porem de notar, que nem ésta magna charta, nem os artigos das Cortes de Portugal, que impunham restricções convenientes ao exercicio dos poderes magestáticos, estabelecêram methodos legaes, bem definidos, para impedir as transgressoens destes regulamentos uteis, falta ésta mui consideravel, e que com o andar do tempo se remediou melhor em Inglaterra do que em Portugal. Mas sempre resultou a ambas as naçoens um beneficio, que foi mais evidente pela Magna Charta ; porque éra mais necessario em Inglaterra ; e he, que essas maximas sobre os direitos e obrigaçoens dos principes, a que a ambição dos que governam perpetuamente se oppoem, ficáram por ésta maneira reduzidas a verdades reconhecidas por ambas as partes, servindo de fundamento legal para nelle estribarem os bons patriotas os seus projectos de melhoramentos politicos.

A segunda restricção importante ao poder da coroa em Inglaterra foi feita em tempo de Duarte II. no estatuto a que chamáram *De tallagio non concedendo*. Aqui se estabeleceo expressamente a restricção utilissima de que El Rey não impoesses tributos sem o consentimento dos Nobres e Communeiros.

He sem duvida que em Portugal tambem existio sempre ésta mesma restricção, mas como nunca se deffinio com a mesma clareza que em Inglaterra, o governo pôde evadir-se muitas vezes a isto com varios pretextos, e por fim, pondo em desuso as Cortes, negaram absolutamente até a existencia de similhante restricção.\*

---

\* El Rey D. Manuel impoos um tributo no trigo, sem consultar as Cortes, dando em razão que se não podiam convocar então por haver peste no Reyno. A camara de Evora oppoz-se a isto, El Rey mandou prender o procurador daquella cidade, e vendo que elle não cedia ao temor, mandou-o chamar para o persuadir com razoens ; mas o Eborense respondeo a tudo quanto El Rey lhe disse ; que não

Hum dos argumentos, que se tem produzido contra a authoridade das Cortes de Lamego, e principalmente contra a intelligencia dellas, que suppoem restricçoens ao poder Real, he a ignorancia dos tempos, em que essas cortes se celebráram. Mas ainda que seja mui verdade que os povos da Europa, em geral, viviam opprimidos pela tyrannia feudal, e submergidos na mais profunda ignorancia, não éra assim em muitas partes da Hespanha, onde a litteratura Arabe tinha feito alguns progressos, e onde as restricçoens do poder da corôa, e os limites ao orgulho dos nobres éram contemplados com maior discernimento do que se poderia esperar daquellas idades, se a Hespanha estivesse reduzida ao mesmo gráo de barbaridade em que entã se achava a França como a descreve Mezeray.\* E

---

se lhe oppunha nem por falta de respeito ao Soberano, nem porque deixasse de conhecer a força das razoes d'El Rey ; mas pelas consequencias que teria este exemplo do novo modo de impor tributos, sem ser em Cortes. El Rey louvou o zelo e honra deste homem, mandou-o soltar, e abolio o tributo. Veja-se Osorio *De rebus Emanuelis*.

\* Darei aqui o exemplo copiando alguma passagem das leis das sete partidas, de cuja authenticidade ninguem duvida, e que provam, com toda a evidencia, que os Hespanhoes sabiam muito bem distinguir um governo despotico ou tyrannico, de uma monarchia absoluta, mas restricta a leis fundamentaes, inalteraveis, e por consequencia superiores ao poder do Governo.

“ Tyranno, tanto quiere decir como señor, que es apoderado em algun reyno ou tierra por fuerça, o por engaño, o por traycion. E estos a tales son de tal natura, que despues que son bien apoderados en la tierra aman mas de fazer seu pro, maguer sea daño de la tierra, que la procomunal de todos, porque sempre biven a la mala sospecha de la perder. E porque ellos pudiesen complir su entendimiento, mas desembargadamente: dixeron los sabios antiguos, que usaron ellos de su poder: siempre contra los del pueblo: en tres maneras de arteria. La primeira es: que estes a tales, puñan siempre que los de su señorio sean necios y medrosos, porque quando tales fuessen no osarian levantar-se contra ellos, ni contrastar sus voluntades. La

se os Hespanhoes tinham taõ exactas ideas de governo, e conheciam tambem a necessidade de quartar as prerogativas da Coroa ; naõ he de suppor que seus vizinhos, os Portuguezes, deixassem de ter as mesmas ideas.

Talvez se pôde dizer ainda mais que os Portuguezes continuáram por mais tempo a gozar de suas liberdades do que os seus vivinhos em Hespanha ; porquanto, unindo-se os Reynos de Aragaõ e Castella, pelo casamento de Fernando e Isabel, e casando a filha destes com Maximiliano de Austria ; Carlos V. que delles nasceo, concentrou em si tal poder, que pode extinguir as Cortes, sendo as ultimas que se chamáram em Hespanha as que se ajunctáram em Toledo no mez de Novembro de 1539. Mas em Portugal, continuáram as Cortes em vigor, ja com mais, ja com menos authoridade, até ao Reynado de D. Pedro

segunda es que los del pueblo ayan desamor entre si, de guisa que non se fien unos de otros : cá mientras en tal desacuerdo bivieren, no osaran fazer alguna fabla contra el ; por miedo, que non guardariam entre si fé ni poridad. La tercera es, que puñam de los fazer pobres : e de metterles a tan grandes fechos, que los nunca puedan acabar : porque siempre ayan que ver, tanto en su mal : que nunca le venga al corazon de cuidar fazer tal cosa, que sea contra su señorio. E sobre todo esto siempre puñaron los tyrannos de estragar los poderosos, e de matar los sabidores, e vedaron siempre en sus tierras cofradias e ayuntamientos de los omes, e procuran todavia, de saber lo que se dize, o se faze en la tierra, e fian mas su consejo e guarda de su cuerpo, en los estraños, porque los sirvan a su voluntad, que en los de la tierra, que han de fazer servicio por premia. Otrosi dezimos, que maguer alguno oviesse ganado señorio del reyno. por alguna de las dichas razones, que diximos en ley ante desta (Quer dizer a ley ix, em que se enumeram os modos legaes de adquirir a coroa) que si el usasse mal de su poderio en las maneras que de suso diximos en esta ley, quel pueden dezir las gentes tyranno : y tornar-se el señorio que era derecho en torticero : assi como dixo Aristoteles : en el libro que fabla del regimiento de las ciudades y de los Reynos.”



II. sendo seu filho, e devoto D. Joaõ V. o primeiro, que não convocou as Cortes.

Deve pois entender-se, que a forma de Governo, em Portugal, he monarchica, e a monarchia hereditaria, e absoluta; em Inglaterra, a forma de governo he monarchica; e hereditaria; porem mixta; por quanto o poder legislativo reside no Parlamento; entendendo se por esta palavra uma corporação composta de tres ramos differentes; a saber; El Rey, a Casa dos Lords, e a casa dos communs. E como o poder de fazer leis existe nesta corporação colectiva, á que o Rey pertence; a ella attribuem graves Juris consultos Inglezes a suprema, e absoluta authoridade do Estado.\*

He ésta a opiniaõ de quasi todos os Authores, e principalmente De Lolme, que escreveu expressamente sobre a constituição Ingleza; e eu convenio com elles; em quanto aos effeitos practicos; mas quanto aos principios theoreticos, julgo que o Rey he o unico legislador em Inglaterra; porque os Actos do Parlamento comêçam pedindo a El Rey em forma de petição, e rogam que em nome e por authoridade d'El Rey se faça lei sobre tal ou tal materia, com o Conselho do Parlamento. Donde parece que, supposto El Rey para fazer a lei deva ouvir o Parlamento, a auctoridade ou força de lei de um tal acto pro-

---

\* Vide Blackstone, Commentaries on the Law of England, book i. chap. ii.

† Os Communs se dirigem a El Rey, no principio do acto, nestas palavras—*Most Gracious Sovereign*—E depois do preambulo se explicam assim. “ We therefore, your Majesty’s most dutiful and loyal subjects, the Commons of Great Britain, in Parliament assembled, do most humbly beseech your Majesty that it may be enacted; and be it enacted *by the King’s most Excellent Majesty*, by and with the advice and consent of the Lords Spiritual and Temporal, and Commons, in this present Parliament assembled, and by Authority of the same, &c.”

vem do Rey ; e portanto, concebo eu, que a lei fica nulla, no caso em que o legislador não siga a forma de obter o conselho; e ha casos em que El Rey faz regulamentos, ouvindo sómente o parecer de seu conselho privado; he verdade que isto succede só em couzas de menor importancia.

Se assim he, então na legislação de Portugal ha uma tão perfeita coincidência com a legislação Inglesa, que a forma de Governo he a mesma; porque pelas Cortes de Coimbra de 1385, como acima se disse, se determinou que El Rey não fizesse paz ou guerra sem consultar as Cortes, restricção ainda maior que a do Rey de Inglaterra a respeito do Parlamento; e que não obraria cousa de importancia sem ouvir os do seu Conselho; de maneira que o Rey de Portugal se obrigou, nestas Cortes, ao mesmo e mais do que o de Inglaterra; mas não julgo que por isso deixe de ser o Supremo Legislador, tanto em uma como em outra parte.

Alguns authores Ingleses assevéram, que a coroa em Inglaterra he não só hereditaria, mas que nunca pode ser electiva, ainda no caso em que, por se acabar a linha de successão a nação escolha outra; porque o novo Rey succede a seu predecessor *jure hereditario*, e não pelo direito de eleição. De maneira que o successor do Rey he sempre o herdeiro, ou seja *hæres natus*, ou seja *hæres factus*.

Esta noção parece demasiado *metaphysica*; mas se tomarmos o principio de que toda a monarchia que não he electiva he hereditaria, fica claro que os mesmos principios são applicaveis a Portugal, que se estabelecem em Inglaterra; porque, supposto os antigos Portuguezes nas Cortes de Lamego pudessem decidir que a monarchia não fosse hereditaria, pois essa questão lhes foi proposta para sua decisão; com tudo quizéram e foi sua vontade, que fosse hereditaria; e prescrevéram clarissimamente as leis da successão.

Nisto se observa tambem uma notavel differença entre a legislação Inglesa, e Portuguesa. Em Inglaterra a coroa na falta da linha descendente passa á collateral; e assim succedeo Henrique I. a Guilherme II; Joaõ a Ricardo I, e Jaimes I. a Izabel. As Cortes de Lamego porém expressamente prohibiram ésta extenção, recebendo na linha collateral simplesmente o irmão do Rey; sendo ja preciso, para o filho desse irmão, nova eleição, ou talvez mais propriamente, nova designação de pessoa: e, assim foi preciso a decisão das Cortes a respeito dos filhos de D. Affonso III. que succedêra a seu irmão D. Sancho II; e a respeito dos filhos de D. Pedro II. que succedeo a seu irmão D. Affonso VI. Este artigo porém foi alterado nas Cortes de Torres Novas; mas em tempos, seguramente, em que a nação não éra tão zelosa de sua dignidade, e consideração, como quando seformáram as Cortes de Lamego.

He pois de examinar se este direito de successão compete impreterivelmente ao herdeiro proximo em todos os casos, como succede nas heranças dos particulares; ou se o immediato herdeiro pode ser despojado deste direito, e outrem declarado herdeiro, ou successor á coroa.

Nem em Inglaterra, nem em Portugal ha lei positiva para este importante caso; mas o que diz um grande jurisconsulto Inglez,\* da sua nação; deve *pela boa razão* em que he fundado servir de direito subsidiario em Portugal, applicando ás Cortes o que elle diz do Parlamento.

“ A doutrina do direito *hereditario* “ diz o celebre Blackstone,” de nenhum modo comprehende, um irrevogavel direito ao throno. Nenhum homem, julgo eu, que tiver considerado as nossas leis, constituição, e historia, sem prejuizo, e com algum gráo de attenção, poderá tal asseverar. Inquestionavelmente existe no seio da suprema authoridade legislativa deste Reyno, o Rey e ambas as casas do Parlamento, o poder de derogar este direito

---

\* Blackstone's Commentaries on the laws of England, Book I. ch. 3.

hereditario: por clausulas particulares, limitaçoens, e provisoens, excluir o herdeiro immediato, e deferir a herança a outra pessoa. Isto he estrictamente conforme ás nossas leis, e constituição; como se pode colher das expressoens taõ frequentemente usadas no nosso codigo de Estatutos,” a Magestade d’El Rey, seus herdeiros, e Successores;” em que podemos observar, que a palavra “herdeiros” necessariamente comprehende herança, ou direito hereditario, que subsiste geralmente entre as pessoas Reaes; assim como a palavra “successores,” tomada distinctamente deve comprehender, que esta herança pode algumas vezes ser interrompida; ou que pode haver um successor, sem que seja o herdeiro do Rey. E isto he taõ racionavel, que, sem haver um tal poder depositado em alguma parte, a nossa politica serïa mui deffectuosa. Por que supponhamos meramente o triste caso, em que o herdeiro apparente fosse um lunatico, ou idiota, ou de outra maneira incapaz de reynar; que miseravel serïa a condiçaõ da naçaõ; se taõ bem se não pudesse por de parte um tal herdeiro! He por tanto necessario que este poder esteja depositado em alguma parte; e, com tudo a herança e dignidade Real, serïam bem precarios na verdade, se este poder existisse expressa, e reconhecidamente nas mãos dos subditos somente, para o exercitarem todas as vezes que o prejuizo, o capricho, ou descontentamento, quizessem ser directores. Consequentemente em parte nenhuma pode estar taõbem preservado, como nas duas casas do Parlamento, por e com o consentimento do Rey reynante; o qual se não pode suppor que concordará em cousa nenhuma impropria e prejudicial aos direitos de seus mesmos descentes. E por tanto no Rey, Lords, e Commons, junctos em Parlamento, o tem as nossas leis depositado.”

Em Portugal, nem este caso está providenciado pelas leis, nem ha factos historicos, que servindo de exemplo se podessem alegar como aresto; mas como quer que sêja o

monarcha reynante deve ter o principal voto, senão o unico, em decidir este caso, quando aconteça; porque serfa tão perigoso deixallo nas mãos dos subditos, quanto he racional suppor que o monarcha reynante não injuriará seu filho primogenito, privando-o de succeder na corôa, se não estiver persuadido de que tal successão será ruinosa a elle e ao reyno. E uma cousa he certissima, que o direito de decidir este delicado caso não compete em Portugal a nenhum individuo, ou tribunal do reyno; nem se pode presumir, que compita á nação em geral; porque se assim fosse se seguira o absurdo de que o povo, sempre regulado pelas paixoes do momento; muitas vezes guiado por Demagogos artificiosos, serfa o jogo dos fins dos intriguitas; e se precipitaria em a ruina que se houvesse preparado a si mesmo. Nenhuma maxima he mais verdadeira que ésta, em politica. Deve-se fazer tudo a bem do povo; mas nada deve ser feito pelo povo.

---

*Continuação da serie de buletims Francezes.*

*Continuação de Buletim 23.*

**Ao Major General do Exercito Austriaco.**

Schoenbrunn, 6 de Junho, 1809.

**SENHOR!** S. M. o Imperador foi informado, de uma ordem dada pelo Imperador Francisco, que declara, que os Generaes Francezes Durosnel e Foulers, a quem as circumstancias da guerra puzeram em seu poder, responderão pelo castigo que as leis da justiça podem infligir a Mr. Chateller, que se poz á frente dos insurgentes do Tyrol, e que permittio a matança de 700 prisioneiros Francezes, e de entre 18, a 19 centos de Bavaros: um crime inaudito na historia das naçoens, e poderia ter causado uma represalia de 40 Tenentes Marchaes de Campo, 36 Majores generaes, mais de 300 coroneis ou majores, 1200 officiaes, e 80.000 soldados; se S. M. não considerasse os prisioneiros como protegidos pela sua fé, e honra, e não tivesse alem disso provas de que os officiaes Austriacos no Tyrol se indignáram tanto com está acção como nos mesmos.—S. M. porém ordenou que o Principe Coloredo, Principe Metternich, Conde Frederico Haddick; Conde Per-

gen fossem presos e levados para a França, para responder pela segurança das generaes Durosnel e Foulers, ameaçados pela ordem do dia do vosso Soberano. Estes officiaes, Senhor, poderaõ morrer; mas elles não morreraõ sem serem vingados; Esta vingança não cairá sobre prisioneiros alguns, senaõ sobre os parentes daquelles que ordenárem a sua morte. Quanto a Mr. Chasteller, elle não está ainda no poder do exercito; mas se for apanhado, podeis estar seguro, que será entregue a uma commissão Militar, e se fará o seu processo. Peço a V, Ex.<sup>a</sup> creia nos sentimentos de minha alta consideração.

(Assignado)      ALEXANDRE, Major-gen.

A cidade de Vienna e os Estados da Austria baixa, solicitáram a clemencia de S. M. e requereram permissaõ para mandar uma deputação do Imperador Francisco para o convencer da impropriedade do procedimento a respeito dos generaes Durosnel e Foulers; para lhe representar que não estava prezo, mas somente accusado ante os tribunaes, que os pais, mulheres, e filhos, e propriedade dos gen. Austriacos, estávam nas maõs dos Francezes: e que o exercito Francez estava determinado, se fosse morto um prisioneiro, a fazer um exemplo de que a posteridade conservaria por longo tempo a lembrança. A estimação que S. M. faz dos bons habitantes de Vienna, e dos Estados, o determinou a acceder a este petitorio. Elle concedeo permissaõ aos Senhores Colloredo, Metternich, Haddick, e Pergen, para ficárem em Vienna, e á deputação para ir ao quartel general do Imperador de Austria. Esta deputação voltou. O Imperador Franciscq respondeo a éstas representaçoens, que elle ignorava a morte dos prisioneiros Francezes no Tyrol; que se compadecia das misérias da Capital, e das provincias, que os seus ministros o tinham enganado, &c. &c. &c. Os deputados lhe lembráram que todos os homens prudentes víam, com pezar, a existencia de um punhado de intrigantes, que pelas medidas que aconselhávam, proclamaçoens, ordens do dia, &c, que fazíam adoptar, trabalhavam somente por fomentar as paixoens e o odio, e exasperar um inimigo, que

está senhor da Croacia Carniola, Carinthia, Styria, Austria alta e baixa, capital do Imperio, e grande parte da Hungria; que os sentimentos do Imperador pelos seus subditos, o devãam inclinar antes a acalmar do que a irritar o conquistador; e a dar á guerra o character que lhe he natural, entre as naçoens civilizadas; visto que está no poder do conquistador fazer mais peizados os males que opprimem metade da monarchia. Diz-se que o Imperador Franciseo respondêra, que a maior parte dos papeis, mencionados pelos Deputados, éram ficçoens; e que aquelles, cuja existencia se não negava, éram moderados; que alem disso, os editores éram clerigos Francezes, e que, quando esses papeis contivessem algumas cousas desagradaveis, não se conheciam se não depois do mal estar feito. Se ésta resposta, que se referio publicamente, he aũthentica temos uma observação a fazer. He impossivel não perceber nisto a influencia da Inglaterra; porque este pequeno numero de homens traidores á sua Patria, são certamente pagos por aquella Potencia.—Quando os Deputados fõram para Buda, viram a Imperatriz; ella tinha sido obrigada a deixar ésta cidade alguns dias antes; acharam-na desanimada, e em consternação, com os males que ameaçavam a sua casa. A opiniaõ da nação he extremamente desfavoravel á familia desta Princeza.—Foi ésta familia que excitou a guerra. O archiduque Palatino, e o archiduque Renier, são os unicos principes Austriacos, que insistãram na continuação da paz. A Imperatriz estava bem longe de prever os acontecimentos que tivêram lugar. Ella tem derramado muitas lagrimas, e tem mostrado grande susto pela densa nuvem que cobre o futuro; ella fallou da paz; desejou a paz. Elles referãram que a conducta do archiduque Maximiliano, fõra desapprovada, e que o Imperador o mandára para o interior da Hungria.

*Buletim* 24. Vienna, 3 de Julho.

O general Broussier tinha deixado dous batalhoens do regimento 84 de linha na cidade do Gratz, e marchou para Vildon, a ajunctar-se com o exercito de Dalmacia. Aos 26 de Junho, appareceo o general Giulay diante de Gratz, com 10.000 homens, compostos he verdade de Croatas, e dos regimentos fronteiros. O 84, que estava acantonado em um dos suburbios da cidade, repellio todos os ataques do inimigo, derrotou-o em toda a parte, tomou-lhe 500 homens prisioneiros, dous estandartes, e manteve-se na sua posiçaõ 14 horas, dando tempo ao gen. Broussier para vir em seu soccorro. Este conflicto de um contra dez, cubrio de gloria o regimento 84, e seu Coronel Gambin. Os estandartes fõram apresentados a S. M. na parada. Temos de lamentar que 20 destes valorosos homens fossem mortos, e 92 feridos.—Aos 30, o duque de Auerstadt atacou uma das ilhas do Danubio, a pouca distancia da margem direita opposta a Presburgh aonde o inimigo tinha alguma tropa. O gen. Gudin dirigio as suas operaçoens com habilidade; e fõram executadas pelo Coronel Decouz, e pelo regimento 21 de infantaria de linha, que este official commanda. A's duas horas da manhaã, este regimento, parte em botes, e parte a nado, crusáram um braço estreito do Danubio, tomáram a ilha, derrotáram 1500 homens que estávam nella, fizéram 250 prisioneiros, entre os quaes se acham o coronel, e varios officiaes do regimento St. Juliaõ, tomáram tres peças d'artilheria, que o inimigo ali tinha desembarcado para defensa da ilha.—Por fim ja naõ existe uma Danubio, pelo que diz respeito ao exercito Francez. O gen. Conde Bertrand levantou obras que excitam admiraçaõ.—Em uma largura de 400 braças, e sobre um rio rapido, fez elle em 15 dias uma ponte, formada de 60 arcos, sobre que podem passar tres carruagens emparelhadas; fez outra sobre estacadas de oito pes de largo, mas esta he sómente para a infantaria. Despois



destas duas pontes está a ponte de barcas ; nos podemos assim passar o Danubio em tres columnas. Estas tres pontes estão seguras contra todos os insultos, e até contra os effeitos dos barcos incendiarios, ou machinas combustiveis, por estacadas, erigidas sobre estacas, entre as ilhas, em differentes direcçoens ; a mais distante das quaes está a 250 braças das pontes. Quando se contemplam éstas immensas obras, se poderia julgar que ellas éram resultado do trabalho de muitos annos ; e com tudo fôram feitas em 15 ou 20 dias. Estas obras são defendidas por cabeças de ponte, cada uma de 1600 braças de extençaõ, formadas de redutos, cercadas por palissadas, frizas, e fossos cheios d'agoa. A ilha de Lobau he um posto forte ; contem armazens de provisoens, 100 peças de artilheria pezada, 20 morteiros, e obuzes. Defronte de Esslingen, no braço esquerdo do Danubio, está uma ponte que o duque de Rivoli ali fixou. Está cuberta por uma cabeça de ponte, que ali se fez ao tempo da primeira passagem do rio.— O gen. Legrand occupa os bosques em frente da cabeça de ponte. O exercito inimigo está em ordem de batalha, cuberto com redutos ; a esquerda está em Enzerdorf, a direita em Gross Aspern ; tem havido algumas descargas. — Agora que a passagem do Danubio está segura, e que as nossas pontes estão ao abrigo de toda a tentativa, será decidida a sorte da Monarchia! Austriaca, em uma só batalha. As aguas do Danubio estavam, no primeiro de Julho, quatro pés acima do ponto mais baixo, e treze pés abaixo do ponto mais alto. A rapidez do rio, nesta parte, quando as aguas estão altas, he de 7 até 12 pés ; e quando as aguas estão moderadas de 4 pés e seis polegadas, cada segundo, e mais forte do que em nenhum outro ponto. Na Hungria diminue muito, e, no lugar em que Trajano edificou a ponte, he quasi insensivel: o Danubio tem ali 450 braças de largo, aqui tem somente 400. A ponte de Trajano éra uma ponte de pedra, obra de muitos annos.

He verdade que a ponte de Cesar, sobre o Rheno, foi feita em oito dias, mas não podiam passar por ella caruagens pezadas. As obras do Danubio são as mais bellas obras militares que jamais se fizéram.—O principe Gazarin, ajudante de campo, general do Imperador de Russia, chegou a Schoenbrunn, esteve dous dias acampado; as suas barracas são mui lindas, e feitas á maneira das barracas Egypcias.

*Buletin 25.* Wolkersdorf, 8 de Julho, 1809.

Os trabalhos do gen. Conde Bertrand, e do corpo que elle commanda, tinham, nos principios do mez, domado inteiramente o Danubio. S. M. resolveo logo reunir o seu exercito na ilha de Lobau; saír sobre exercito Austriaco, e dar-lhe uma batalha geral. A posiçã do exercito Francez era excellente em Vienna; senhor de toda a margem direita do Danubio, tendo em seu poder a Austria, e uma grande parte da Hungria, se achava na maior abundancia; so se experimentãvam algumas difficuldades para prover a populaçã de mantimentos; isso procedia da má organizaçã da administraçã, e de alguns embaraços que de dia em dia se removerã, e das difficuldades que naturalmente resultam de circumstancias taes como as presentes, e em um paiz em que o commercio dos graõs he um commercio exclusivo do governo. Mas como se podia ficar assim separado do exercito inimigo, por um canal de 300 ou 400 toezas, quando os meios da passagem estãvam ja preparados e seguros? Seria dar credito ás imposturas que o inimigo tem espalhado, com tanta profusaõ, no seu paiz, e nos paizes vizinhos; seria deixar em duvida os successos de Esslingen; seria em fim authorizar uma supposiçã, de que havia uma igualdade de consistencia entre dous exercitos taõ differentes, dos quaes um estava animado, e de alguma sorte reforçado pelos bons successos, e victorias multiplicadas; e o outro desanimado pelos

revezes os mais memoraveis.—Todas as noticias, que se tinham recebido do exercito Austriaco, concordávam em que elle éra consideravel, que tinha sido recrutado por reservas numerosas, pelas levas da Moravia e Hungria, por todas as Landwehrs das provincias; que tinha remontado a sua cavallaria, por meio de requisiçoens em todos os circulos; e triplicado o seu trem de artilheria, fazendo immensas levas de carretas, e cavallos na Moravia, Bohemia, e Hungria. Para ter mais partidos a seu favor, estabecceram os generaes Austriacos obras de campanha, cuja direita estáva apoiada em Gross-Aspern, e a esquerda em Enzersdorf. As aldeas de Aspern, Esslingen, e Enzersdorf, e os intervallos que as sepáram, estávam cubertos de redutos, com palissadas, e frizas, e armados com mais de 50 peças de posiçaõ, trazidas das praças de Bohemia, e de Moravia. Naõ se pode conceber como fosse possivel, que, com a sua experiencia de guerra, quizesse o Imperador attacar obras taõ poderosamente deffendidas, sustentadas por um exercito que se avaliava a 200.000 homens, tanto em tropas de linha, como milicias, e da insurreiçaõ; e que estavam apoiadas por uma artilheria de 800 ou 900 peças de campanha. Parecia mais simples lançar novas pontes sobre o Danubio, algumas leguas mais abaixo, inutilizando assim o campo de batalha preparado pelo inimigo.

Mas neste caso naõ se sabia como se podiam remover os inconvenientes, que tinham ja sido funestos ao exercito, e chegar em dous ou tres dias a pôr éstas novas pontes ao abrigo das machinas do inimigo. Por outra parte, o Imperador estava tranquilo. Viam-se elevar obras sobre obras na ilha de Lobau, e estabelecer sobre o mesmo ponto, muitas pontes sobre estacas, e muitas fileiras de estacadas.—Esta situaçaõ do exercito Francez, entre éstas duas grandes difficuldades, naõ tinha escapado ao inimigo. Convinha-se em que o seu exercito, demasiado numeroso e naõ facil de manejar, se exporia a uma perca certa se

tomasse a offensiva; mas ao mesmo tempo se cria que éra impossivel desapossallo da posição central, d'onde cubria a Bohemia, a Moravia, e uma parte da Hungria. He verdade que ésta posição não cubria Vienna, e que os Francezes estavam de posse desta Capital; mas ésta posse éra, até certo ponto, disputavel; porque, conservando-se os Austriacos senhores de uma margem do Danubio, impediam a chegada das cousas mais necessarias á subsistencia de uma tão grande cidade. Taes éram as razões de esperança e de temor, e a materia da conversação dos dous exercitos.—No primeiro de Julho, ás 4 horas da manhã, passou o Imperador o seu quartel general para a ilha de Lobau, que os engenheiros tinham já denominado ilha de Napoleão; uma pequena ilha a que se tinha dado o nome de Montebello, e que batia Enzersdorf, tinha sido armada com 10 morteiros, e 20 peças de 11: outra ilha, chamada ilha Espagne, tinha sido armada com 6 peças de posição de 12, e 4 morteiros. Entre estas duas illias se estabeleceu uma bateria, igual em força á de Montebello, e batendo igualmente Enzersdorf. Estas 62 peças tinham o mesmo fim, e deviam, em duas horas, arrazar a pequena cidade de Enzersdorf, expulsar della o inimigo, e destruir-lhe as obras. Sobre a direita estava a ilha Alexandre, armada de 4 morteiros, de 10 peças de 12, e de 12 peças de 6 de posição, tinham por fim bater a planicie, e proteger a envolução e desenvolução de nossas pontes.—Aos 2, um ajudante de campo do duque de Rivoli passou com 50 volteadores á ilha do moinho, e tomou posse della. Armou-se ésta ilha, e unio-se ao continente por uma pequena ponte que iá ter á margem esquerda. Ao despois construiu-se uma pequena frecha, a que se chamou o reduto pequeno. A noite os redutos de Esslingen parecêram zelozos disto; não duvidando que esta éra a primeira bateria, que se faria jogar contra elles: e começaram a attirar com grande actividade. Era precisamente a intenção, que se tinha

tido apossando-se desta ilha ; queria-se attrahir para aqui a attenção do inimigo, para o desviar do verdadeiro ponto de operação.

*Passagem do braço do Danubio para ilha de Lobau,*

Aos 4 ; pelas dez horas da noite, fez o geneal Oudinot embarcar, no grande braço do Danubio, 1.500 volteadores, commandados pelo gen. Couroux. O coronel Baste, com dez chalupas canhoneiras, os comboiou, e os desembarcou alem do pequeno braço da ilha de Lobau, no Danubio. As baterias do inimigo fôram logo destruidas, e elle foi expulsado dos matos até a aldea de Muhlleuren.—A's onze horas da tarde, as baterias dirigidas contra Enzersdorf recebêram ordem de começar o fogo. Os obuzes queimáram esta infeliz cidadezinha, e em menos de meia hora ficáram extinctas as baterias inimigas. O chefe de batalhaõ Dessales, director das equipagens das pontes ; e um engenheiro de marinha tinham preparado, no braço da ilha Alexandre, uma ponte de 80 toezas de uma só peça, e cinco grandes barcos de passagem.—O coronel Sainte Croix, ajudante de campo do duque de Rivoli, se lançou aos barcos, com 2.500 homens, e desembarcou na margem esquerda.—A ponte de uma so peça, a primeira deste genero que se construiu até o dia de hoje, foi collocada em menos de cinco minutos ; e a infantaria passou por ella a passo dobre.—O cap. Bazelle, lançou uma ponte de bateis, em hora e meia. O capitaõ Payerimosse lançou uma ponte de jangadas em duas horas. Desta forma ás duas horas da madrugada tinha o exercito 4 pontes ; e tinha desembocado, na esquerda 1500 toezas abaixo de Enzersdorf, protegido pelas baterias, e a direita sobre Vittau. O corpo do duque de Rivoli formou a esquerda, o do conde de Oudinot o centro, e o do duque de Auerstadt a direita. O corpo do principe de Ponte corvo, do Vice Rey, e o duque de Ragusa, a guarda e os Couras-

seiros, formávam a segunda linha e as reservas. Uma profunda obscuridade, uma tempestade violenta e uma chuva que cahia a torrentes, faziam ésta noite taõ tenebrosa, quanto éra propicia ao exercito Francez, e lhe devia ser gloriosa.—Aos 5, ao nascer do sol, reconheceram todos qual tinha sido o projecto do Imperador, que se achava entaõ com o seu exercito em batalha, sobre a extremidade esquerda do inimigo, tendo-lhe voltado todos os seus campos entrincheirados, fazendo-lhe assim inuteis todas as suas obras, e obrigando por esta maneira aos Austriacos a saír de suas posiçoens, e a dar-lhe batalha no terreno que lhe convinha. Este grande problema estava resolvido; e sem passar o Danubio em outra parte, sem receber nenhuma protecção das obras que se tinham construido, se forçou o inimigo a pelear a tres quartos de legua distante dos seus redutos. Desde logo se pressagiou que haveriam os maiores, e mais felizes resultados.—A's oito horas da manhaã, as baterias, que atiravam sobre Enzersdorf, tinham produzido um tal effeito, que o inimigo se limitou a deixar, na occupaçaõ desta cidade, quatro batalhoens. O duque de Rivoli fez marchar contra ella o seu primeiro Ajudante-de-campo Sainte-Croix, que naõ encontrou grande resistencia; e apoderando-se da cidade aprisionou tudo quanto la se achava.—O Conde de Oudinot cercou o castello de Sachsengang, que o inimigo tinha fortificado, fez capitular 900 homens, que o defendiam, o tomou 12 peças de artilheria.—O Imperador desdobrou entaõ todo o exercito na imensa planicie de Enzersdorf.

#### *Batalha de Enzersdorf.*

Entre tanto o inimigo, confundido em seus projectos, se recobrava pouco a pouco da surpresa em que estivera; e tentava lançar maõ de algumas vantagens, neste novo campo de batalha. Para este fim destacou muitas colum-

nas de infantaria, e um bom numero de peças de artilheria, e toda a sua cavallaria, tanto de linha como insurgentes, para tentar o tomar pelo flanco a direita do exercito Francez. Em consequencia disto, veio occupar a aldea de Rutzendorf. O Imperador ordenou ao gen. Oudinot, que fizesse tomar esta aldea, para cuja direita fez passar o duque de Auerstadt, para se dirigir contra o quartel general do principe Carlos, marchando sempre da direita para a esquerda.—Desde o meio dia até ás 9 horas da noite, se manobrou nesta immensa planicie, occuparam-se todas as aldeas, e á medida, que se chegava á altura dos campos entriacheirados do inimigo elles caíam por si mesmos, como por encantamento, o duque de Rivoli os fazia occupar sem resistencia. Foi assim que nos apoderamos das obras de Esslingen, e de Gross Aspern, e que o trabalho de 40 dias não foi de utilidade alguma ao inimigo. Elle fez alguma resistencia na aldea de Raschdorf, que o principe de Ponte Corvo fez atacar e tomar pelos Saxonios. O inimigo foi por toda a parte repellido, e esmagado pela superioridade de nosso fogo. Este immenso campo de batalha ficou cuberto de suas ruinas.

*Batalha de Wagram.*

Vivamente assustado com os progressos do exercito Francez, e dos grandes resultados que alcançava, quasi sem esforços, o inimigo fez marchar todas as suas tropas; e ás 6 horas da noite occupou a posição seguinte: a sua direita de Stadelau a Gerarsdorf; o centro de Gerarsdorf até Wagram; e a esquerda de Wagram até Neusiedel. O exercito Francez tinha a sua esquerda em Gross Aspern, o centro em Raschdorf, e a direita em Glinzendorf. Nesta posição parecia que estava a jornada acabada, e era preciso esperar que se veria na manhã seguinte uma grande batalha. Mas evitava-se esta, e occupava-se a

posição do inimigo, impedindo-o de conceber algum sistema, se tomasse naquella noite a aldea de Wagram. Então a sua linha já immensa, tomada á pressa, e pelos acasos do combate, deixavam andar errantes os diferentes corpos do exercito sem ordem, e sem direcção; e ter-se-hia ganhado bastante, sem nenhuma acção séria. Fez-se o ataque de Wagram; as nossas tropas tomáram esta aldea; mas uma columna de Saxonios e uma columna Franceza se tomáram uma á outra por inimigos, com a obscuridade da noite, e fálhou assim esta operação.—Preparou-se então a gente para a batalha de Wagram. Parece que as disposições do gen. Francez e do gen. Austriaco fôram inversas. O Imperador passou toda a noite a ajunctar as suas forças, no centro, onde estava em pessoa a tiro de peça de Wagram. Para este fim passou o duque de Rivoli á esquerda de Alterklaa, deixando sobre Asperne uma unica divisaõ, que teve ordem de se concentrar sobre a ilha de Lobau, se succedesse alguma cousa. O duque de Auerstadt recebeu ordem de ir á aldea de Grosshoffen, para se approximar ao centro. O general Austriaco, pelo contrario, enfraquecia o centro para guarnecer e augmentar as extremidades, a que dava maior extensão.—Aos 6 ao romper do dia occupou o principe de Ponte Corvo a esquerda, tendo na segunda linha o duque de Rivoli. O Vice-rey o ligava com o centro; onde formávam sette ou oito linhas o corpo do Conde Oudinot, o do duque de Ragusa, os da guarda imperial, e as divisoes de Courasseiros.—O duque de Auerstadt marchou da direita para chegar ao centro; o inimigo, pelo contrario, punha o corpo de Bellegarde em marcha sobre Stadelau. O corpo de Collovrath, de Lichtenstein, e de Hiller uniam esta direita á posição de Wagram, onde estava o principe de Hohenzollern, e á extremidade a Neusiedel, onde desembocava o corpo de Rosenberg para flanquear igualmente o duque de Auerstadt. O corpo de Rosenberg e



o do duque de Auerstadt faziam um movimento inverso, quando se encontráram ao nascer do sol, e deram o signal da batalha. O Imperador marchou logo para este ponto, mandou reforçar o duque de Auerstadt pela divisaõ de courasseiros do duque de Padua, e fez tomar o corpo de Rosenberg em flanco por una bateria de doze peças da divisaõ do general conde da Nansouty. Em menos de tres quartos d'hora o bello corpo do duque de Auerstadt daria conta do corpo de Rosenberg; derrotou-o, e o repulsou para alem de Neusiedel, depois de lhe ter feito muito mal.—Durante este tempo se jogou a artilheria em toda a linha, e as disposiçoens do inimigo se desenvolviam de momento em momento. Toda a sua esquerda se guarnecia de artilheria. Dizem que o gen. Austriaco não combatia pela Victoria, mas que só tinha em vista os meios de se aproveitar della. Esta disposiçaõ do inimigo parecia taõ insensata, que se temia alguma cilada, e o Imperador differio, por algum tempo dar as ordens para as faceis disposiçoens que tinha a obrar, com as quaes annullaria as do inimigo, e lhas faria funestas. Elle ordenou ao duque de Rivoli, que fizesse um ataque sobre a aldea, que occupava o inimigo; e que apertava um pouco a extremidade do centro do exercito. Ordenou ao duque de Auerstadt, que voltasse a posiçaõ de Neusiedel, e a repulsasse para Wagram; e mandou formar em columna o duque de Ragusa, e o gen. Macdonald, para tomar Wagram ao momento em que o duque de Auerstadt desdobrasse. A este tempo se recebeu avizo de que o inimigo atacava com furor a aldea, tomada pelo duque de Rivoli; que a nossa esquerda estava excedida de flanco a 3 mil toezas; que ja se ouvia em Gross Aspern uma violenta canhonada, e que o intervallo de Gross Aspern a Wagram parecia cuberto de uma immensa linha de artilheria. Não houve mais que duvidar. O inimigo commettia um erro enorme; não era preciso mais que aproveitar-se delle. O

Imperador ordenou immediatamente ao gen. Macdonald que dispusesse as divisoens Broussier e Lamarque em columna de ataque. Felias sustentar pela divisaõ do gen. Nansouty, e pela guarda de cavallo, e por uma batteria de 60 peças da guarda, e 40 peças de differentes corpos. O gen. Conde Lauriston, á frente desta batteria de 100 peças de artilheria marchou a trote ao inimigo; avançou sem atirar até meio alcance da artilneria, e começou entãõ um fogo prodigioso, que extinguiu o do inimigo, e levou a morte aos seus renques. O general Macdonald marchou entãõ a passo de ataque. O gen. de divisaõ Reille, com a brigada de fuzileiros, e de atiradores da guarda, sustentou o gen. Macdonald. A guarda tinha feito uma mudança de frente, para fazer este ataque infalivel. Em um fechar d'oihos o centro do inimigo perdeu uma legua de terreno. A sua direita assustada conhecco o perigo da posiçaõ em que estava, e retrogradou apressadamente. O duque de Rivoli atacou entãõ em frente. Em quanto a derrota do centro punha em consternaçaõ o inimigo, e forçava os movimentos da sua direita, éra a esquerda atacada e flanqueada pelo duque de Auerstadt, que tinha tomado Neusiedel, e subido á planicie, marchando sobre Wagram. A divisaõ Broussier e a divisaõ Gudin cubríram-se de gloria.—Éraõ entãõ dez horas da manhaã, e os homens, que menos prevíam, conhecíam ja que a jornada estava decidida, e que a victoria éra nossa.—Ao meio dia o conde de Oudinot marchou sobre Wagram, para ajudar o ataque do duque de Auerstadt. Conseguiu isto, e tomou ésta importante posiçaõ. Desde as dez horas começou o inimigo a pelear em retirada; ao meio dia ja estava ésta declarada, e se fazia em desordem; e muito antes da noite ja se naõ via o inimigo; a nossa esquerda estáva em Jetelsee, e Ebersdorf, o nosso centro em Obersdorfs e a cavallaria da nossa direita tinha postos até Shonkirchen.—Aos 7, ao romper do dia, estava o exercito em

movimento, e marchava sobre Korneuburg, e Wolkersdorf, e tinha adiantado partida a è Nicolburg. O inimigo, cortado da Hungria, e da Moravia, achava-se encan-toado da parte da Bohemia.

Tal he a narraçãõ da batalha de Wagram ; batalha decisiva e para sempre celebre, em que 300 ou 400 mil homens, 1200, ou 1500 peças de artilheria combatãam por grandes interesses, n'um campo de batalha estudado, meditado, fortificado pelo inimigo havia muitos mezes. Dez bandeiras, 40 peças de artilheria, 20.000 prisioneiros, 3 ou 4 centos de officiaes, e um bom numero de generaes, coroneis e majores, saõ os tropheos desta victoria. Os campos de batalha estaõ cubertos de mortos, entre os quaes se acham os corpos de muitos generaes ; e com outros um tal Normann, Francez, traidor á sua Patria, que tinha prostituido os seus talentos contra ella.—Todos os feridos do inimigo cahãram em nossas mãõs, os que tinhaõ sahido no principio da açcãõ fõram achados nas aldeas vizinhas. Pode-se calcular que o resultado desta batalha será o reduzir o exercito Austriaco a menos de 60.000 homens. A nossa perca foi consideravel ; e avalia-se a 1 500 mortos, e 3 ou 4.000 feridos.—O duque de Istria ao momento em que dispunha o ataque da cavallaria, teve o seu cavallo morto por um tiro de peça, a bala deo na sella, e fez-lhe uma leve contusãõ na coxa.—O gen. de divisãõ Lassalle foi morto de uma bala ; éra um official do maior merecimento, e um dos nossos melhores generaes de cavallaria ligeira.—O gen. Bavaro de Wrede, e os gen. Seras, Grenier, Vignole, Sahuc, Frere, e Defrance, ficãram feridos. O coronel principe Aldobrandini foi ferido no braço por uma bala. Os majores da guarda Dausmeuil, e Corbineau, e o coronel Sainte Croix fõram tambem feridos. O ajudante commandante Duprat foi morto. O coronel do 9 de infantaria de linha ficou no campo de batalha. Este regimento cubrio se de gloria.

O Estado maior fez resenhar o estado de nossas perças.— Uma circumstancia particular desta batalha he que os coroneis mais proximos a Vienna não distávam della 1.200 toezas. A numerosa população desta capital cubria as torres, os sineiros, os telhados, e os outeiros, para ser testemunha deste grande espectaculo.—O Imperador d'Austria tinha deixado Wolkersdorf, aos 6 pelas 5 horas da manhã, e subido a um mirante, d'onde via o campo de batalha, e onde ficou até a meia noite. Partio então a toda a pressa. O quartel general Francez chegou a Wolkersdorf, na manhã de 7.

*Buletim 26. Wolkersdorf, 10 de Julho.*

A retirada do inimigo he uma derrota. Recolhe-se uma parte de suas equipagens. Os seus feridos cahiram em nosso poder, contam-se ja mais de 12.000; todas as aldeas estão cheias de doentes. So em cinco dos seus hospitaes se acham mais de 6.000 —O duque de Rivoli, perseguindo o inimigo por Stokerum, chegou ja a Hollabrum. O duque de Ragusa o tinha seguido pelo caminho de Brunn, que elle deixou em Wulfersdorf, para tomar o de Znaim. Hoje, ás 9 horas da manhã, encontrou em Daa, uma retaguarda que derrotou, e lhe tomou 900 prisioneiros. A manhã chegará a Znaim.—O duque de Auerstadt chegou hoje a Nicholsburg.—O Imperador de Austria, o principe Antonio, um trem de perto de 200 caleças, carroças, e outras carruagens pernoitáram, aos 6, em Erensbunn, aos 7 em Hellabrunn, e aos 8 em Znaim: d'onde partíram aos 9 pela manhã, segundo o que diz á gente do paiz que os conduzia, o seu abatimento éra extremo.—Um dos principes de Rohan se achou ferido no campo de batalha. O tenente marechal de campo Wussakowicz esta prisioneiro.—A artilheria da guarda cubrio-se do gloria. O major d'Abville, que commandava, ficou ferido. O Imperador o fez general de brigada. O chefe de esqua-

draõ d'artilheria Grenner perdeu um braço. Estes intrepidos artilheiros mostráram todo o poder deste terrivel exercito.—Os caçadores de cavallo da guarda carregáram, no dia da batalha de Wagram, tres quadrados de infantaria, que penetram. Tomáram 4 peças d'artilheria. Os cavallos ligeiros Polacos da guarda carregáram um regimento de lanceiros. Fizêram prisioneiro o principe de Auersperg, e tomáram 3 peças d'artilheria.—Os hussares Saxonios d'Albert carregáram os courasseiros d'Albert, e lhe tomáram uma bandeira. Foi uma cousa singularissima, ver dous regimentos pertencentes ao mesmo coronel combater-se um contra o outro.—Parece que o inimigo abandona a Moravia e a Hungria, e se retira pára a Bohemia.—As estradas estaõ cubertas de gente da Landwehr, e da leva em massa, tudo isto se retira a suas casas.—As percas que a desersaõ ajuncta ao que o inimigo tem ja perdido em mortos, feridos, e prisioneiros, concorrem para a annihilaçãõ deste exercito.—O numero de cartas interceptadas fórmam um tocante quadro do descontentamento do exercito inimigo, e da desordem que nelle reyna.—Agora que a monarchia Austriaca está sem esperanza, seria conhecer mui mal o character daquelles que a tem governado, o naõ esperar que elles se humiliáram, como fizêram depois da batalha de Austerlitz. Naquella epocha estávam, como estaõ hoje, sem esperanças, e elles esgotáram as protestaçoens, e os juramentos.—Durante a jornada de 6, lançou o inimigo á margem direita do Danubio algumas centenas de homens dos postos de observaçãõ: elles fôram obrigados a re-embarcar-se, perdendo alguns homens, mortos, ou apriionados. O calor tem sido excessivo estes dias. O *thermo*-metro tem estado, quasi constantemente em 26 grãos. Ha vinho em abundancia; tal aldea se tem encontrado em que se acham 3 milhoens de canadas; felizmente naõ tem nenhuma qualidade nociva.—Vinte aldeas, as mais consideraveis da bella planicie de Vienna, taes como se costumam

ver nas circumvizinhanças de uma grande capital fôram queimadas durante a batalha. O justo odio da nação se pronuncia contra os homens culpados, que trouxéram sobre ella estes males.—O gen. de brigada Laroche entrou, aos 28 de Junho com um corpo de cavallaria, em Nuremberg, e se dirigio a Bareuth, encontrou o inimigo em Besenheim, fello carregar pelo regimento provisorio de dragoens, passoa á espada tudo que se lhe poz diante, e tomou duas peças d'artilheria.

---

*Buletims do exercito da Hespanha.*

O ataque de Montiu, que se pode considerar como a cidadella de Girona, principiou pela tomada dos tres redutos que a defendiam. A pezar das difficuldades, que apresenta o terreno, que por toda a parte he uma rocha viva, e demóra necessariamente as operaçoens; desde os 25 que havia batterias promptas a jogar; fizéram fogo aos 26, e continuáram com actividade o trabalho da batteria de brecha. Uma horrorosa tempestade, que succedeo aos 29, seguida de outras muitas, e de continuadas chuvas, retardou a conclusão; mas esperava-se, que aos 5 de Julho, ao mais tardar, estivesse a batteria em estado de jogar, he de crêr que, em duas vezes 24 horas, será a brecha praticavel; e então a reducção do forte se seguirá promptamente ou de uma maneira ou de outra. Uma vez que Montjuy esteja em nosso poder pode-se considerar a praça como tomada; he ésta a opiniao mesmo dos Hespanhoes; ja se teve uma prova disto nas cartas, que os sitiados procuráram fazer passar ao seu general em chefe Blake, e que fôram interceptadas pelos nossos postos avançados. Elles solicitam soccorros que naõ está no poder d'elle o ministrar-lhe, como se verá no relatorio dirigido a S. Ex.<sup>a</sup> o ministro da guerra, pelo general Souchet, commandante em chefe do 5.<sup>o</sup> Corpo em Aragaõ.

*Carta do gen. Souchet, a S. Ex<sup>a</sup>. o Ministro da guerra; dada de Alcaniz, 19 de Junho, 1809.*

MONSEIGNEUR! A batalha de Saragoça havia libertado esta capital, e forçado o gen, Blake a retirar-se; e de Belchite mudou a sua retirada em derrota, e libertou Aragoã de sua presença. Aos 15 pela tarde, pôs a noite fim ao perseguinto. Aos 16 parou o inimigo em Boterita, donde foi expulsado, e continuou a sua retirada.—Eu entrei a perseguillo aos 17; e nesta marcha se ajunctáram 500 homens dos attiradores de Murcia, entre os quaes havia 45 officiaes; matáram-se alguns centos d'homens. Eu pernoitei em Puebla d'Alborton. A'uma hora da manhã deixei o meu campo, e me apresentei diante de Belchite, aos 18 ao amanhecer; Os regimentos 116, e 117 ainda se me não tinham unido. O inimigo, que recebera nessa noite um reforço de 4.000 homens, occupava as alturas, tendo o centro em Calvario, defendido por um fosso, e protegido pela cidade, que he murada; a esquerda e direita por detras de intrincheiramentos e de um convento, e quasi toda a frente cuberta por olivae, e vinhas, cortadas por valados. Eu desdobrei as minhas columnas na planicie, fiz avançar um batalhaõ de infantaria ligeira, para o centro, nos olivae, a fim de occupar somente os atiradores inimigos; e em quanto o gen. Houbert passava á esquerda, em columna, dirigindo-se ás alturas entre Belchite e Codo, ordenei ao gen. Musmer, que marchasse em columna por batalhaõ, sobre a esquerda dos Hespanhoes, flanqueando os, logo, depois de os ter abalado com vinte tiros de artilheria. Este movimento foi executado com grande precisão. O primeiro batalhaõ do reg. 114, o primeiro regimento do Vistula, carregáram vigorosamente por entre a metralha. Blake tentou parallos com uma carga de cavallaria, e dous esquadroens de hussares o repulsáram. No mesmo instante uma das nossas balas pegou fogo a um de seus caixoens de obuzes, arreventou com estrondo no meio das fileiras, levando a toda a parte a morte, e o espanto. Toda esta linha se abalou, e confundio, e atravessou a cidade na mais terrivel desordem. Nos atravessamos com elles, homens, cavallo, caixoens, peças, tudo de roldaõ. Esta torrente levou com sigo o campo de cavallaria, e todo o resto da linha. O gen. Hubert, que a apresentou, accelerou a fugida geral.—Toda a planicie está inundada de fugitivos, que lãrgam as muchilas, espingardas, e petrechos; se eu tivesse neste ponto mais cavallaria, a pezar da rapidez da fuga teria feito muitos prisioneiros.—Um so reg. o 1.º de Valencia, conseguiu tornar a formar-se, a duas legoas de dis-

tancia do campo de batalha; e tentou defender-se. Os hussares do 4.º o derrotaram passando-o á espada; so se aprisionaram aqui 2 ou 3 centos; de resto uma bandeira, 9 peças (as ultimas deste exercito) 23 caixoes, um milhar de cartuchos Inglezes, çapatos, capotes; e 3.000 prisioneiros ficaram em nosso poder. Ajunctaram-se mais de 3.000 fuzis, e os campos estaõ ainda cubertos delles; mandam-se agora procurar. Temos achado immensos rebanhos, armazens de arroz e de biscoito; e queimado 25 carros de muniçaõ. Eu prosegui em varias columnas, e cheguei hontem a Alcaniz, Calanda, e Caspe, o numero dos prisioneiros se augmenta a cada instante. Tenho a honra de vos dirigir algumas relaçoens, que pintam o estado do exercito inimigo, e de seus chefes. Ajuncto um mappa da formaçaõ deste exercito; eu vou dirigir uma Proclamaçaõ aos Aragonezes.—A minha perca nestas duas jornadas merece apenas ser computada; naõ passa de 40 mortos, e 200 feridos. Os Hespanhoes, logo que fõram penetrados, deixaram as suas posiçoens com tanta precipitaçaõ, que o seu fogo naõ foi demasiado destructor. Sou &c.

(Assignado) O Conde Souchet.

Ha muito tempo que os corpos dos insurgentes, postados na serra Morena, se continham nas montanhas, pela presença do 4.º corpo; commandado pelo general Sebastiani; e postado alem do Guadiana. Em vaõ tiuha este general deixado aos inimigos a facilidade de cahir sobre elle, para os puchar á planicie: contentavam-se com algumas tentativas sobre os nossos postos avançados; e feito isto fugiam outra vez para os seus retiros inacessiveis. Em fim o general para lhe dar mais confiança, repassou o Guadiana, e marchou para Consuegra a jornadas curtas. O inimigo adquirindo atrevimento com este movimento retrogrado desembocou ultimamente da Serra Morena, e foi para o Guadiana, cruzando este rio para se aproximar ao corpo do gen. Sebastiani. El Rey, que tinha preparado toda ésta manobra, partio de Madrid aos 22 de Junho, acompanhado da sua guarda, e de uma brigada da divisaõ Dessolles. S. M. foi por Illescas, Toledo, e Mora, até Consuegra, para onde acabava de avançar o 4.º corpo; e, continuando este movimento progressivo,



veio El Rey estabelecer o seu quartel general, aos 28, em Villa-Rubia-de-los-ojos. Uma divisaõ inimiga occupou este posto dous dias antes; mas ella naõ esperou as nossas tropas. Apenas os insurgentes soubéram da chegada d'El Rey a Consuegra, abandonáram Villa Rubria, na maior desordem, e tornaram a passar o Guadiana a toda a pressa. Aos 29 de Junho, foi El Rey para Daymel onde estabeleceu o seu quartel general; e, havendo-lhe chegado os reforços, que julgava necessarios, ordenou S. M. um movimento geral avançando, no dia seguinte. O inimigo ferido do medo, se tornou a lançar nas montanhas de Serra Morena; e naõ defendeo posto algum. A prolongada estada d'El Rey em Moral, onde estabelecêra o seu quartel general, aos 30 de Junho, naõ tinha agora fim algum, e por tanto tomou S. M. o partido de voltar a Toledo; fazendo porém que o 4.º Corpo occupasse Consuegra; tanto pela facilidade das subsistencias, como pela das operaçoens ulteriores, que os acontecimentos pudessem exigir.

*Buletim 27.* Aos 10, o duque de Rivoli derrotou, ante Hollabrunn, a retaguarda do inimigo. No mesmo dia, ao meio dia, chegou o duque de Ragusa ás alturas de Znaim; e vio as bagagens e artilheria do inimigo, que desfilávam para Bohemia; o gen. Bellegarde lhe escreveu, dizendo-lhe, que o principe Joaõ de Lichtenstein, fã ter com c Imperador, com uma missaõ de seu amo; para tractar de paz, e pedio em consequencia uma suspensaõ d'armas. O duque de Ragusa respondeu, que naõ estãva na sua maõ responder a este petitorio; mas que dava conta disso ao Imperador. No emtanto atacou o inimigo, tomou-lhe uma bella posiçaõ, fez alguns prisioneiros, e tirou lhe duas bandeiras. No mesmo dia pela manhaõ passou o duque de Auerstadt o Saya, em frente de Cicolzburg, e o gen. Grouchy tinha derrotado a retaguarda do principe de Rosenberg; aprisionando 450 homens do regimento do principe Carlos.—Aos 11, pelo meio dia, chegou o Imperador

ante Znaim. O combate estava principiado ; o duque de Ragusa tinha flanqueado a cidade, e o duque de Rivoli, se havia apoderado da ponte, e occupado a fabrica de tabaco. Tomáram-se ao inimigo, nas differentes acçoens desta jornada, tres mil homens, duas bandeiras, e tres peças de artilheria. O gen. de brigada Bruyeres, official de grandes esperanças, foi ferido. O gen. de brigada Guiton fez uma bella carga com o 10<sup>mo</sup>. de couraceiros. O Imperador, sendo informado de que o principe de Lichtenstein, que lhe fôra enviado, tinha entrado nos nossos postos, mandou cessar o fogo. O armisticio, aqui juncto, foi assignado á meia noite, em casa do principe de Neufchatel. O principe de Lichtenstein foi apresentado ao Imperador na sua barraca ás duas doras da manhaá.

*Suspensão d'armas, entre S. M. o Imperador dos Francezes Rey da Italia, e S. M. o Imperador d'Austria.*

Art. 1.º Haverá suspensão d'armas, entre os exercitos de S. M. o Imperador dos Francezes, e S. M. o Imperador d'Austria.

Art. 2.º A linha de demarcação será, da parte da Austria alta, a fronteira que separa a Austria da Bohemia, o Circulo de Znaim, o de Brunn, e uma linha traçada da fronteira de Moravia, sobre Raab, que comecará no ponto, em que a fronteira do Circulo de Brunn toca o March: até o confluente do Taya; dahi a S. João, e estrada até Presburgh, e uma legoa em torno da Cidade; o gram Danubio até a fronteira da Styria, a Carniola, a Istria, e Fiume.

Art. 3.º As Cidadellas de Brunn, e de Gratz, seraõ evacuadas immediatamente, depois da assignatura da presente suspensão d'armas.

Art. 4.º Os destacamentos das tropas Austriacas, que estaõ no Tyrol, e no Voralberg, evacuarão estes dous paizes: o forte do Sackenburg será entregue ás tropas Francezas.

Art. 5.º Os armazens de victualhas, e fardamentos, que se acham nos paizes, que devem ser evacuados pelo exercito Austriaco, e que lhe pertencem; poderaõ ser evacuados.

Art. 6.º Quanto a Polonia, os dous exercitos tomaraõ a linha que occõpam no dia de hoje.

Art. 7.º A presente suspensão d'armas durará um mez; e, antes de comecar as hostilidades, se dará uma noticia previa de 15 dias.

Art. 8.º Seraõ nomeados Commissarios respectivos, para a execuçaõ das presentes disposiçoens.

Art. 9.º Ao datar de amanhã 13, as tropas Austriacas evacuarã os paizes designados na presente suspensaõ d'armas, e se retiraraõ por jornadas ordinarias.—O forte de Brunn serã entregue aos 14, ao exercito Francez; e o de Gratz aos 16 de Julho.

Feito e acordado entre nos abaixo-assignados, munidos de plenos poderes dos nossos Soberanos respectivos, S. A. I. o Principe de Neufchatel, major general do exercito Francez, e M. Baraõ de Wimpfen, major general e Chefe do Estado maior do exercito Austriaco. Campo ante Znaim, 12 de Julho 1809.

(Assignado)

ALEXANDRE.

O Baraõ de WIMPFFEN.

*Buletim* 28. Vienna, 14 de Julho, 1809.

O Danubio subio seis pés. As pontes de bateis, que se tinham estabelecido juncto a Vienna, depois da batalha de Wagram, fõram quebradas pela enchente; mas as nossas de Ebersdorf, solidas e permanentes, naõ soffrêram com isto cousa alguma. Estas pontes e as obras da ilha de Lobau, saõ o objecto da admiraçaõ dos militares Austriacos. Confessam elles que, desde o tempo dos Romanos, saõ sem exemplo semelhantes trabalhos de guerra. O archiduque Carlos enviou o major general Weissenvof a cumprimentar o Imperador; e ao depois o baraõ Wimpffen, e o principe de Lichtenstein, fizêram a mesma civilidade em seu nome; S. M. julgou a proposito enviar-lhe o duque de Frioul, Gram Marechal do Palacio, que o achou em Budweis, e passou uma parte da jornada de hontem no seu quartel general.—O Imperador partio hontem as nove horas da manhaã do seu campo de Znaim, e chegou ao Palacio de Schoenbrunn ás tres horas depois do meio dia.—S. M. visitou os arrabaldes de Spitz, que fórmam a cabeça de ponte de Vienna. Ordenou S. M. ao gen. Conde Bertrand, que fizesse varias obras, as quaes se traçaraõ, e começaraõ hoje —A ponte sobre estacadadas de Vienna serã restabelecida com a maior brevidade possivel.—S. M. nomeou

marechaes do Imperio, o gen. Oudinot, o duque de Ragusa, e o gen. Macdonald. O numero dos marechaes éra de onze; ésta nomeação os leva a 14; ha ainda dous lugares vagos: os postos de coronel general dos Suissos, e coronel general de caçadores estão ainda vagos.—Segundo as nossas constituicoens, o coronel general dos caçadores he Gram Official do Imperio. S. M. testemunhou a sua satisfacção da maneira porque a cirurgia tinha servido, e particularmente dos serviços do Cirurgiaõ em chefe Hourteloup. Aos 7, atravessando S. M. o campo de batalha fez ajunctar um grande numero de feridos, e deixou ali o duque de Frioul, Gram Marechal do palacio, que passou naquelle lugar toda a jornada. O numero de feridos Austriacos, que estão em nosso poder, he de 12 a 13 mil. Os Austriacos tivéram 19 generaes mortos ou feridos. Nota-se como um facto singular, que os officiaes Francezes, seja da antiga França seja das novas provincias, empregados no serviço de Austria, fôram pela maior parte mortos. Interceptáram-se muitos correios, e achou-se nas cartas de que elles éram portadores, uma correspondencia seguida de Gantz, com o Conde Stadion.

A influencia deste miseravel, nas grandes decisoes do Gabinete Austriaco, se tem assiim materialmente provado. Eis aqui os instrumentos de que a Inglaterra se serve, como de uma nova caixa de Pandora, para assoprar as tempestades, e espalhar os venenos no Continente. O corpo do duque de Rivoli formou os seus campos no circulo de Znaim; o do duque de Auerstadt, no circulo de Brann; o do marechal duque de Ragusa, no circulo de Korn-Neuburg; o do marechal Oudinot, adiante de Vienna em Spitz; o do Vice Rey, sobre Presburg e Gratz. A guarda Imperial torna a entrar nos arredores de Shænbrunn. A colheita he mui bella, e por toda a parte de uma grande abundancia. O exercito está acantonado em

soberbos paizes, ricos em generos de toda a qualidade, e sobre tudo em vinhos.

*Buletim* 29. Vienna, 22 de Julho, 1809.

Os generaes Durosnel e Foulers voltáram para o quartel general. Todas as nossas conjecturas, a respeito da sua sorte, fôram erroneas. Elle não foi ferido, nem teve o cavallo ferido debaixo de si ; mas, a tempo que voltava de haver levado ao duque de Montebello a ordem para concentrar os seus movimentos, por causa da destruição das pontes aos 22 de Mayo, cruzou uma baixa, onde achou 25 hussares, que elle julgou que formávam um dos nossos postos avançados. Não percebeo que éram Austriacos, se não depois de o terem feito prisioneiro. Como estivemos tanto tempo sem saber novas delle, e como tinhamos outras razoens provaveis, por isso o julgamos morto.—O gen. de divisaõ Regnier tomou o commando dos Saxonios, e occupa Presburg.—O marechal Macdonald foi tomar posse da cidadella de Gratz, onde se espera que entre hoje.—O marechal duque de Ragusa, se encampa com o seu corpo, nas alturas de Keims.—S. M. I. passa revista a sua guarda todas as manhaãs. Os *Velites*, e granadeiros de pé da guarda Italiana são notaveis pela sua excellente ordem.—O principe Joaõ de Lichtenstein, voltando de Buda, foi apresentado a 18 do corrente a S. M. Imperial: foi o portador de uma carta do Imperador de Austria.—O Conde Bubna, major-general, e ajudante-de-campo do Imperador de Austria, tem jantado varias vezes com o Conde Champagny. Os botes de Commercio, que os acontecimentos da guerra espalháram em varias direcçoens, foram junctos, e concertados, nas margens do Danubio. Elles chegam todos os dias carregados de madeira, vegetaes, trigo, e farinha. O exercito está ja todo acampado.

*Buletim* 80. Vienna, 30 de Julho, de 1809.

O nono corpo do exercito, que éra commandado pelo Principe de Ponte Corvo, foi desbandado aos 8 do corrente Os Saxonios que formávam parte d'elle estão debaixo das ordens do gen. Reymen. O principe de Ponte Corvo foi tomar aguas. Na batalha de Wagram, a aldea deste nome foi tomada aos 6, entre as 10 e 11 horas, e a gloria desta bem succedida empreza he devida ao corpo do marechal Oudinot. A casa de Austria entrou desta vez em campanha, com 62 regimentos de linha; 12 regimentos de cavallaria; 12 regimentos de granadeiros; 4 corpos livres de legioens, fazendo ao todo 310.000 homens. E 150 batalhoens da milicia Landwehr, commandados por officiaes velhos, exercitados por 10 mezes; 4.000 homens da insurreiçãõ Hungara, e 60.000 de cavallo artilheria, e minciros; compondo ao todo de 5 a 600.000 homens. Com esta força se suppoz a Casa d'Austria segura da victoria. Mantinha a esperança de abalar o poder da França, se jamais se ajunctasse toda a sua força. Mas, isto não obstante, os seus exercitos estão reduzidos á quarta parte das forças que tinham, ao mesmo tempo que o exercito Francez se tem augmentado ao dobro do numero de que constava em Ratisbona.—Acharam-se no castello de Gratz 20 peças de artilheria.—O castello de Sachsenburg, situado nas fronteiras do Tyrol, rendeo-se ao Gen. Rusco.—O duque de Dantzick entrou no Tyrol com 25 mil homens, occupou Lofers, e desarmou todos os habitantes. Por este tempo deve estar ja em Inspruch. O gen. Thielman entrou em Dresden.—O duque de Abrantes está em Bayreuth, e tem adiantado a sua guarda avançada até as fronteiras da Bohemia.

*França.*

*Carta do Ministro dos Negocios estrangeiros ao General Armstrong, Ministro Plenipotenciario dos Estados Unidos d' America.*

“ SENHOR! Sendo informado que vós estais a ponto de despachar um navio para a America, sua Magestade me encarregou de fazer-vos saber os principios immutaveis, que tem regulado, e continuaraõ a regular a sua conducta, no grande ponço de differença a respeito de Neutraes.

“ A França admitte o principio, de que a bandeira protege a mercadoria. Um navio mercante, tendo um certificado do seu Governo, deve considerar-se como uma colonia fluctuante. A violação de tal navio por buscas, perseguiçoens, e outros actos de poder arbitrario, he a violação do territorio de uma colonia, e um ataque á independencia do seu Governo. Os mares naõ pertencem exclusivamente a Nação alguma; saõ a propriedade commum dos Estados, a possessaõ de todos.

“ Navios mercantes de um inimigo, sendo a propriedade de individuos particulares, deve ser respeitada. Individuos, que naõ tomaõ parte nas hostilidades, naõ se devem fazer prisioneiros. Em todas as suas conquistas a França tem respeitado a propriedade particular. Loges, e armazens tem sido deixados na posse dos seus proprietarios. Elles tem tido a faculdade de dispor das suas mercadorias, como bem lhes tem parecido; e neste momento ha cargas, particularmente de algodaaõ, passando em carros pelo meio do exercito Francez, e pela Austria, e Alemanha, que vaõ para onde quer que as destina o commercio. Se a França adoptasse a practica da guerra maritima, todas as mercadorias do continente teriaõ sido accumuladas em França, e constituiriaõ muitas vezes um manancial de incalculaveis riquezas.

“ Taes teriaõ sido indubitavelmente as arrogaçoens de Inglaterra, se a Inglaterra possuisse a mesma superiori-

dade por terra, que tem no mar. Nos teriamos visto, como nos tempos do barbarismo, os prisioneiros vendidos como escravos, e as suas terras divididas entre os vencedores. A cubiça mercantil monopolizaria tudo; e o Governo de uma Nação illuminada, que tem levado as artes da civilizaçã ao mais alto grão de aperfeiçoamento; teria dado o primeiro exemplo da renovação dos costumes practicados nas idades de barbaria. Aquelle Governo conhece muito bem a injustiça do seu codigo maritimo. Mas que lhe importa a injustiça? Não he a sua mira unicamente o que he util?

“ Quando a França tiver adquirido uma força naval proporcionada á extençaõ das suas costas, e da sua população o Imperador reduzirá gradualmente estes principios á practica; e se empregara elle mesmo em procurar a sua geral adopção. O direito, ou antes a pretençaõ de bloquear rios, e costas, por meio de proclamas, he da mesma sorte insolente, e absurda. Nenhum direito pode possivelmente resultar da mera vontade, e caprixo de uma das partes interessadas, mas deve originar-se da natureza actual das couzas, aque pertence. Nehuma praça está propriamente em estado de bloqueio, senaõ quando he investida por terra, e por mar. Poem-se em bloqueio, para cortar todos os meios de soccorro, pelos quaes a entrega pode retardar-se; e neste cazo somente ha direito de evitar, que navios neutros entrem n’ella; por quanto a praça assim atacada está em perigo de ser tomada, o seu dominio indecizo, e ainda em disputa, entre o Commandante da Cidade, e aquelles, que o bloqueiaõ, e a investem: daqui nasce o direito de prohibir á neutros a entrada da praça.

“ A Soberania, e independencia da bandeira, como a soberania, e independencia de um territorio, he a propriedade de todos os neutros. Um estado pode entregar-se a outro, despojar-se da sua independencia, e provar



uma mudança de Soberanos ; mas os direitos da Soberania são indivisiveis, e inalienaveis ; a mais pequena parte d'elles não pode ser cedida.

“ A Inglaterra proclamou a França em estado de bloqueio. O Imperador, pelo seu decreto de Berlin, declarou, que as ilhas Britanicas estavaõ em estado de bloqueio. A primeira medida exclue os navios neutros de França ; a segunda prohibe-os de irem a Inglaterra.

“ A Inglaterra por ordens do seu Gabinete de 11 de Novembro, 1807 poz uma taxa sobre todos navios neutros, e compellio-os a entrar nos seus molhes antes de procederem para o lugar das suas destinaçoens. Pelo decreto de 17 de Dezembro do mesmo anno, o Imperador declarou *desnacionalizados* todos os navios, cuja bandeira fosse violada, escarnecida, e espezinhada.

“ Para abrigar-se das espoliaçoens, com que um tal estado de couzas ameaçava o seu commercio, a America poz um Embargo nos seus portos ; e posto que a França, a qual havia somente exercitado o direito de taliaõ, sabia, que os seus interesses, e os das suas colonias deviaõ soffrer por tal medida ; o Imperador contudo applaudio a magnanima resoluçaõ de ella renunciar antes a todo o seu commercio, do que reconhecer a Soberania, e o despotismo dos mares.

“ O embargo tem sido tirado, e substituido um systema de exclusaõ. As Potencias do Continente em alliança contra a Inglaterra fazem cauza commum ; ellas tem o mesmo objecto nesta guerra ; devem colher as mesmas vantagens ; devem tambem correr os mesmos riscos. Os portos de Hollanda, o Elbo, o Weser, Italia, e Hespanha, não gozaraõ vantagem, da qual França deva ser privada. Elles seraõ todos abertos, ou fexados ao mesmo tempo, relativamente a toda a correspondencia commercial com elles.

“ Assim, Senhor, quanto aos principios a França, re-

conhece a Liberdade do commercio neutral, e a independencia das Potencias maritimas, que ella respeitou até ao momento, em que a tyrannia maritima de Inglaterra, que nada respeita, e os procedimentos arbitrarios do seu Governo, a compelliram a adoptar medidas de taliaõ, ás quaes recorre com pezar. Revoque a Inglaterra o seu bloqueio de França, e França revocará a sua declaração de bloqueio contra a Inglaterra. Revoque a Inglaterra as suas ordens de Gabinete de 11 de Novembro, de 1807, e o Decreto de Milaõ expirará por si mesmo. O commercio Americano recobrará a sua completa Liberdade, e estará seguro de achar nos portos da França, favor, e protecção. Cumpre porem aos Estados Unidos o attingir este feliz objecto pela sua firmeza. Pode uma nação, resolvida a ser Livre, hesitar entre certos interesses momentaneos, e a grande cauza de manter a sua independencia, sua honra, sua Soberania, e sua dignidade.

---

*Hespanha.*

*Parte do General D. Joaquim Blake.*

Excellentissimo Senhor: Tenho a honra de participar a V. Excellencia que o comboi de viveres destinado para Girona se introduziu hontem na Praça, conduzido pelo Marechal de Campo D. Jayme Garcia Conde, a pezar dos esforços feitos para o estorvar, contribuindo a facilitar a entrada do comboi o movimento geral deste Exercito, que manteve os inimigos em incerteza. Não posso dar a V. Excellencia noticia circunstanciada desta operação; porque ainda não recebi parte do General Garcia Conde, que entrou na Praça com toda a Divisaõ, que escoltava o comboi; e sahirá, deixando nella a tropa, que o Governador julgar necessaria para reforço, e auxilio da guarnição.

Remetto a V. Excellencia o Monitor de 19 de Agosto, porque talvez ainda não terá chegado ás suas mãos, onde terá a satisfação, de ver o elogio, que arranca aos inimigos a brilhante defesa do Castello de Montjuich, por occasiaõ da evacuaçãõ daquelle ponto, communicada ao Ministro da Guerra pelo General Verdier, Commandante das tropas do cerco.

Deos guarde a V. Excellencia. Campo do Pedrol, 2 de Septembro, de 1809. Excellentissimo Senhor: Joaquim Blake—Excellentissimo Senhor D. Antonio Coronel.

*Copia da intimação feita pelo General inimigo á Praça de Mequinenza no dia 26 de Junho as 8 da noite.*

POR ordem de S. Excellencia o General em Chefe reconheci hontem os montes sobranceiros a esta Praça, que V. m. commanda, e que não conheciamos, V. m. vio com que facilidade só os meus caçadores os tomaraõ, fazendo fogo ate chegar aos muros do castello: dei conta ao meu General, o qual quer mandar artilheria de grosso calibre, porta-machados, e mineiros; porém por supplica minha o suspendeo, e me deo faculdade para offerecer a V. m. huma convenção honrosa, e desejo muito evitar, os males inevitaveis do cerco, e dar a V. m. huma prova da minha consideração. Eu terei para com V. m. e seus Officiaes os mesmos sentimentos de bondade, que tive com a guarnição de Jaca, e autoridades Civis desta Praça: espero a sua resposta para determinar as ordens definitivas de S. Excellencia, o General em Chefe, Governador do Reino de Aragaõ. Deos garde a V. m. muitos annos.

Praga, 26 de Junho, 1809.

O GEN. FABRE,

Senhor Governador do Castello de Mequinenza.

*Resposta do Commandante militar da Praça.*

Li a intimação que se fez a esta Praça; sinto a supplica que fez ao seu General, e lhe rogo se interesse com elle, para que lhe confie a sua grossa artilheria, os seus porta-machados, e mineiros, e experimentará o que he huma guarnição valorosa, e habitantes que não conhecem senão vencer ou morrer. Deos guarde a V. m. muitos annos. Castello de Mequinenza 20 de Junho, de 1809.

Senhor General Fabre.

JOAÕ MARIA D'ANGULO.

*Copia da intimação feita pelo Commandante General de Engenheiros do Exercito Francez ao Governador de Gerona.*

Senhor Governador: tenho a honra de participar-vos que Sua Excellencia o General em Chefe do Exercito Francez o Conde de S. Cyr, me authorizou para attender ás proposições que me podeis fazer, conforme as circumstancias em que vos achais. Podeis vir ou mandar hum Official de Gradação e de que vos confiardes, para conferenciar comigo nos postos avançados, onde me deixa ficar •

prisioneiro que vos ha de entregar esta Carta; e para evitar alguma interpretação errada, podereis vir com algum dos membros da Juncta, ou dos principaes chefes do clero. Tenho a honra ser, &c.

KINGENES.

Barão de Pluntu, Commandante General dos Engenheiros do Exercito.

*Resposta.*

Excellentissimo Senhor: nada tenho que tractar com Vossa Excellencia, conheço muito de sobejo as suas intenções; e daqui a diante não admittirei, nem ouvirei Parlamentario algum ou Trombeta. Deos guarde a Vossa Excellencia, &c. Gerona, 2 de Julho, de 1808.

MARIANNO ALVARES,

Excellentissimo Senhor Commandante General do Exercito Francez.

*Sevilha, 30 de Agosto.*

O General D. Francisco Venegas dirigio ao Senhor Secretario d'Estado e do despacho geral de guerra o seguinte detalhe da batalha de Almonacid.

“ Excellentissimo Senhor, concluida a acção de Aranjuez e rechaçados os inimigos, os seus continuos movimentos entre aquelle Real sitio, e a Cidade de Toledo me fizeraõ suspeitar que tractavaõ de sahir por esta, e atacar-me pela retaguarda. Por este respeito, e para fazer um movimento retrogado, se o pedissem as circumstancias, mudei de posição situando as Divisões em escala desde Aranjuez até Tembleque, aonde assentei o meu quartel general ao meio dia de 6. A 8 me participou o General Zeraim, que se achava sobre Toledo com a quinta Divisaõ do seu commando, ser-lhe noticiado que os inimigos acabavaõ de receber um reforço de 8.000 homens, e recer que o attacassem. Para o auxiliar mandei sahir a quarta divisaõ, o que se executou na mesma noite transitando para Almonacid para se reunir com a quinta, tomado o necessario descanso; verificando-se porém o suspeitado ataque antes de amanhecer do dia 9, Zeraim fõra obrigado depois de uma honrosa resistencia a retirar-se em boa ordem para Sonseca, quatro legoas distante do Mosteiro de Sisle aonde foi atacado. Dalli por minha prevençãõ voltou para Almonacid a reunir-se com a quarta divisaõ; e para acautelar que não fossem ambas atacadas com desproporçãõ, certificando-me de que os inimigos tinhaõ juncto todas as suas forças em Toledo, me dirigi a Almonacid com a terceira divisaõ, aonde por minha ordem chegáraõ tambem no mesmo dia 10, poucas horas depois, a primeira e a segunda. Por todas as noticias que pude alcançar me persuadi de que os inimigos não passavaõ de 14.000 ho

mens: esta persuasão, a boa disposição das tropas, que eu sabia se desgostariaõ com uma nova retirada, a repugnancia que se me offerencia de abandonar por esta retirada os infelizes Povos da Mancha, que com tanto prazer e patriotismo receberaõ o exercito, e a importancia de provar o valor e agilidade dos nossos soldados, eraõ outros tantos motivos que me inclinavaõ a combater. A pezar desta minha inclinação quiz assegurar-me do seu fundamento ouvindo o parecer dos chefes de divisoes, escondendo euidadosamente o meu sentir, para que votassem sem prevenção. Porém achei taõ conformes e unanimes os seus pareceres, e razoens em que os firmavaõ com as que ficaõ ponderadas, que naõ duvidei da resolução de atacar os inimigos na madrugada de 12, para dar lugar a que no dia 11 as tropas descansassem da sua affadigada marcha, para adquirir, se fosse possível, mais pontual e segura noticia do numero dos contrarios, e dar as convenientes disposições.

O inimigo anticipou-se a minha tenção, e ás 5 e meia da manhaõ do dia 11 começaraõ os tiros entre as nossas, e as suas avançadas, crescendo progressivamente pelos reforços com que os Generaes das nossas divisoes apoiáraõ aquellas, até que a concurrencia das columnas inimigas nos confirmou de que era um serio e geral ataque contra toda a nossa linha. O general Giron me avisou disso, e corri a dar as convenientes disposições, enchendo-me de satisfação o ver o esforço, e alegria com que os nossos Generaes, Chefes e soldados viaõ chegado o momento de combater. A segunda divisão commandada pelo brigadeiro D. Gaspar Vigodet formava o lado direito; a esta se seguia a quarta commandada pelo Marechal de Campo D. Francisco Gonçalves del Castejon; logo a quinta encarregada ao Marechal de Campo D. Thomaz de Zerain; depois a primeira, em cuja frente se achava o Brigadeiro D. Luiz Lacy, e a terceira, que era mandada pelo Marechal de Campo D. Pedro Agostinho Giron, estava collocada na retaguarda do centro de todas, formando a reserva, bem que destacados desta os Batalhoens de Baylen, e o segundo de Jaen occupavaõ um cerro na esquerda de toda a linha; e o de Velez, Malaga e Alpujarras foraõ destinados, o primeiro para sustentar uma bateria avançada, e o segundo sobre o cerro do castello na retaguarda do povo, ficando Giron com os tres batalhoens restantes da sua divisãõ, o primeiro das Guardas Reaes Hespanholas, Ecija e o segundo de Cordova.

A cavallaria dividida em duas secções á direita, e á esquerda da linha, ordenei que ficasse ás ordens dos Marechaes de Campo, o Marquez de Gelo. D. Thomaz Zerain, e o Visconde de Zolina. Neste es-

tado avançaraõ as columnas inimigas sobre toda a extensaõ da nossa linha, apoiadas por 40 peças de artilheria entre obuzes e canhoens, sendo os ultimos até ao calibre de 16. A's sete e meia se tornou geral um reciproco, e horroroso fogo sustentado de ambas as partes com o maior encarniçamento; porém foi facil de conhecer que o ataque principal se dirigia sobre a nossa esquerda. Descoberto o designio, acodi áquella parte, e observando que o Coronel D. José Olabazal com os granadeiros e caçadores da primeira divisaõ se achava muito mettido no perigo, e obrigado a dobrar os batalhoens de Baylen e Jaen, e prevendo que estes não seriaõ bastantes para conter o impeto das grossas columnas inimigas, que se dirigiaõ contra elles, mandei ao meu Ajudante de Campo D. Torcato Truxillo com ordem para que o general Giron os viesse reforçar com os tres batalhoens da sua reserva. Neste meio tempo um Ajudante de Baylen veio ponderar-me da parte do seu chefe que eraõ excessivas as forças inimigas, e impossivel resistir-lhes com as que alli se achavaõ; porém respondi-lhe que immediatamênte o mandaria socorrer, e que entretanto sustentasse o posto até ao ultimo extremo. Giron acodio com a maior presteza, e tendo subido a altura, e dado mui boas descargas contra as columnas inimigas, começaraõ a perder terreno, e neste successo pôde ter parte a desgraçada casualidade de haver sido ferido de um tiro de peça o tenente coronel de Baylen, D. Joaõ da Silva; e aquelle desordenado movimento occasionou a confusaõ dos batalhoens da terceira divisaõ, que hiaõ sustentallas, apoderando-se os inimigos do cimo da altura, a pezar do fogo vivissimo que começou a fazer-lhes o primeiro batalhaõ de guardas Hespanholas.

Protegidas as outras columnas inimigas pelas que haviaõ alcançado a altura, continuára a marchar contra o nosso lado esquerdo, e para as deter dispuz que a primeira divisaõ desdobrasse na sua frente para reprimillas, o que se conseguiu, obrigando-as a que se occultassem por detraz de um combro para se cobrirem do fogo da nossa fuzilaria. O da artilheria inimiga era infernal pelo maior numero, e calibre das suas peças, ainda que 200 cavallos dos esquadroens de Fernando VII., e dragoens de Granada atacassem uma columna inimiga, o que cumpriraõ mui denodadamente do esquadraõ D. Nicoláo Chacon: tendo-se porém aquella consolidado em massa, e rompido contra elles um vivissimo fogo, em que perdemos valentes soldados, e o benemerito e valoroso Capitaõ D. Francisco Soto, matando tambem o cavallo ao valente Commandante D. Nicoláo Chacon, foi preciso desistir da empreza, que fez com tudo muita honra a este pequeno corpo de cavallaria.

Entretanto a segunda, a quarta e quinta, divisoens estavaõ mais ou menos mettidas no perigo; a quarta soffria pelo lado direito o fogo das baterias, conservando o posto com a maior firmeza e constancia, e o Regimento de Xerez se sustentava com esforço, apoiado em um olival. O tenente coronel D. José Chacon, capitaõ de artilheria de cavallo, foi ferido mortalmente naquelle instante, e o segundo batalhaõ de guardas Hespanholas, que cobria a esquerda desta divisaõ, começou a ceder ás muitas forças que o atacavaõ. Castejon mandou que o sustentasse com o seu regimento de Cordova o brigadeiro D. Francisco Gonzalez de Carbajal, que reunindo as guardas, e atacando ambos os corpos, fizeraõ retroceder o inimigo, que começado a carregar por trezentos soldados de cavallo do commando do Marechal de Campo o Visconde de Zolina tivera sido derrotado, a naõ acontecer a desgraça de affrouxar o ataque, sendo morto o cavallo em que montava Zolina. O inimigo se aproveitou deste momento para acometer com todo o vigor pela frente e pelo flanco as guardas e o batalhaõ de Cordova, desdobrando-se este com a melhor ordem sobre o quinto de Sevilha avançado sobre a estrada real para conter o inimigo, que se dirigio por ella: este regimento se portou com a maior honra, esperando o inimigo até ao alcance de baioneta, fazendo-lhe opportunissimo e aturado fogo, e soffrendo o do inimigo com a maior constancia.

Continuando pela nossa esquerda as columnas inimigas fiz formar uma segunda linha ás divisoes primeira e terceira, apoiadas na fralda e cume do cerro contiguo ao do Castello, donde soffrêraõ um cruel fogo de artilheria e fusilaria, sendo de toda a consideraçãõ o que da sua parte lhes oppozeraõ a primeira divisaõ e alguns batalhoens da terceira, pela mortandale que fazia no inimigo. Porê m nem isto nem um novo ataque de cavallaria, que ordenei, e commandáraõ o mesmo Zea, o coronel de Sant-Iago D. Manoel Cisternes e o tenente coronel de granadeiros de Fernando VII. D. Lino Orbina para desbaratar um dos corpos inimigos, que sustentado de outros se tinha adiantado mais, foi bastante, ainda que executado bisarramente, para detellas. O coronel de artilheria e commandante do parque D. Manoel Llano me pedio para acompanhar esta cavallaria, o que lhe concedi, e executou intrepidamente.

A multidaõ dos inimigos, que, segundo se soube depois, passava de 27.000 homens, lhes proporcionava o dobrarem a nossa linha, e assim o intentavaõ sempre pela esquerda; por cujo motivo e para lhes

inverter o plano, fiz que Giron baixasse com tres batalhoens a situar-se em um olival, e apenas o tinha verificado, quando apparecêraõ tres vanguardas de columnas inimigas pela direcção em que se achava o regimento de Ecija, que mandado pelo seu Coronel o Marquez de Las Cuevas del Becerro, se distinguio muito, sustentando-se com a maior firmeza e desordenando a columna mais proxima com um vivo e bem dirigido fogo.

Neste estado e conhecendo a necessidade de emprehender uma retirada, despachei o meu Ajudante de Campo Truxillo com ordem para que a segunda divisãõ, que estava entãõ menos mettida no perigo, viesse formar-se na retaguarda do exercito para o cobrir na sua marcha; e se por acaso ao atravessar a linha podesse ser morto ou ferido o meu ajudante, dei a mesma ordem ao brigadeiro D. Antonio de Rojas, que seguia o meu Estado maior. Vigodet cumprio a minha ordem e as minhas intençoens, com o maior sangue frio e accerto, sendo sempre perseguido, quando emprehendo a sua retirada, pela infantaria, cavallaria e artilheria inimiga: teve diversos choques, em que as suas tropas se houveraõ sempre bem, distinguindo-se em um delles a companhia de granadeiros de Ronda, que recobrou uma peça tomada ja pelos inimigos e a deixou encravada: tudo isto mandado pelo tenente da mesma D. Antonio Espinosa. O voarem alguns carros de muniçoens sobre a direita desta divisãõ espantou a pouca cavallaria, que cobria a sua retaguarda: daqui resultou alguma desordem, e aproveitando-se della o inimigo ferio alguns soldados, e chegáraõ os seus dragoens até á vanguarda da mesma; porém foraõ rechaçados pelo fogo de fuzilaria feito com firmeza e uniaõ, no que teve muita parte o acreditado brigadeiro D. Francisco de Reyna, segundo commandante da mesma divisãõ.

Neste acto se deteve Vigodet, e ordenou que os commandantes de artilheria e engenheiros D. Joaõ de Molina e D. Euzebio Rodrigues, o capitaõ de sapadores D. Antonio Remon del Valle, e o sargento mór de infantaria de Guadix D. Antonio Falees, reunissem varias partidas de cavallaria, que andavaõ dispersas, com o que alcançou ajuntar quasi 1.000 homens, que cobrissem a sua retaguarda. Por este modo, adiantadas outras divisõens, se dirigiraõ todas por diversos caminhos a Herencia para dalli continuarem até Manzanares, Membrilla e Solana sem que até esse ponto occorresse mais dispersãõ do que a occasianada pelos cançados e sequiosos, que, tendo de acudir á necessidade em um paiz taõ seco com poços distantes, se atrazavaõ



dos seus corpos. Porém achando-se os primeiros em Manzanares e outros nas suas vizinhanças, alguns cobardes soldados de cavallaria ou mal intencionados derramaraõ a voz de que os inimigos se tinhaõ adiantado pelo caminho do Valle de Penas a cortar a retirada, e esta infame voz, cujos authores se investigaõ para que soffraõ o digno castigo, motivou que as tropas se debandassem e que destrocassem em certo modo o brilhantissimo com que se tinhaõ portado na batalha. Este incidente funesto e sensivel se tem já remediado, achando-se o exercito reforçado e reconcentrado nas posiçoens da serra. a que foi necessario acolher-se por não ser possivel que entre os póvos e paiz aberto da Mancha podesse recobrar a sua serenidade e conveniente ordem. Tudo está já conseguido, e os soldados desejaõ animosos nova occasiaõ para combater pelá Patria.

Estou muito satisfeito da pericia e valor com que se comportáraõ em Almonacid todos os generacs e chefes tanto do meu estador maior, e reaes corpos de artilheria e engenheiros, que constantes a meu lado me auxiliariaõ com as suas luzes, como em geral das divisoens e corpos, que se portáraõ com o maior acerto e honra. A infantaria pelejou com a maior firmeza sendo poucos os corpos, de que se não possa fazer honrosa mençaõ.

A referida dispersaõ não permite com tudo particularisar a V. Excellencia a perda que soffreo o nosso exercito, e só posso dizer que a primeira divisaõ teve 12 officiaes mortos, um dos quaes foi D. Vicente Martines, digno coronel do regimento de Hespanha, e 18 feridos, sendo proporcionada a perda da tropa. A segunda divisaõ teve 2 officiaes mortos e 3 feridos, e entre estes o digno coronel de dragoens de Granada D. Diogo Ballesteros, que tambem foi prisioneiro; outros 5 officiaes prisioneiros ou mortos; 23 sargentos, cabos e soldados mortos, 78 da mesma classe feridos e 237 mortos ou prisioneiros. As outras divisoens especificaraõ a sua perda, e farei mappa geral para conhecimento de V. Excellencia. A perda do inimigo foi muito mais consideravel, e por noticias alcançadas por diversas vias a fazem chegar a 8.000 entre mortos e feridos, contando-se entre os ultimos tres generacs, um dos quaes expiron 6 horas depois de entrar em Madrid.

Deos guarde a V. Excellencia muitos annos. Quartel-general da Carolina, 22 de Agosto de 1809.—Excellentissimo Senhor.—Francisco Venegas.—Excellentissimo Senhor D. Antonio Cornel.

---

*Sevilha, 5 de Setembro.*

Carta dirigida ao Commissario Amores, em que se refere,

que os Patriotas ultimamente fizeraõ prisioneira a guarnição da cidade de Haro.

“ EXCELLENTISSIMO SENHOR ! Hontem pelas sette da tarde veio aqui Dom Ignacio Alonzo, commumente chamado Cuibillas, Director da Companhia dos Exploradores, de Dom Joaõ Dias Posier, e tambem um certo Dom Constantino, frade Bernardo do mosteiro de Honora, o qual foi sorprendido, sendo acompanhado de outra partida de baixo das suas ordens. Ambos elles compunhaõ pelo menos 200 de cavallaria armados, que com os seus commandantes procedêram para o convento de S. Agostinho, depois de terem postado centinellas na entrada das ruas, e passagens do districto. Sem dilação elles pediraõ a entrega de todas as tropas Francezas, que estavaõ naquelle convento, e em breve tempo o tecto foi encendiado. Durante toda a noite seguinte áquelle dia e este dia, a acção continuou com grande espirito, mas a destruição do fogo artificial, e o grande numero das forças Hespanholas obrigou o Official Francez a capitular, depor as armas, e a entregar os 43 homens, que commandava. O resultado foi, que n’um quarto de hora depois de entregues os Francezes, procederaõ como prisioneiros na direcção de Naxera, e Logroño. O commandante Francez se conduziu com o maior valor, pelo que foi accumulado de cumprimentos pelos Chefes Hespanhoes, e tractado com o respeito, que merece.

---

( Official ).

*Sevilha, 4 de Setembro.*

Despachos, que o Brigadeiro General Marquez de Atalayuelas, Commandante Militar da Provincia de Cuenca, e parte de Castella, enviou ao Ministro da guerra.

“ EXCELLENTISSIMO SENHOR ! Eu tenho a satisfação de informar a vossa Excellencia, que, conforme ao que vos annunciei aos 18 deste mez, se me deo informação por

um espia das costas de Fuentedueña, e Villamanque, as quaes eraõ guardadas por bo, ou 70 Francezes em um Lugar, e perto de 50 n'outro. Ao receber esta noticia, sem tardar um momento, ordenei ás tropas, que passassem os vaos, para que o inimigo naõ conhecesse, e frustrasse os nossos designios. Tendo mandado, que a minha partida se formasse em tres divisoens, duas d'ellas attaccáram ambos os pontos a um tempo, em quanto a outra ficava inactiva, mas prompta a reforçar qualquer d'ellas que fosse repelida, e a cortar a retirada do inimigo a travez do rio. Assim disposto, fes-se o ataque, e agora recebo os particulares de D. Leandro Antonio Garcia, datados de Neli-chon, em que me informa, que elle destroçou a partida em Fuentedueña, e fez do total prisioneiros, com um official. Nos tivemos somente doze cavallo feridos, posto que o inimigo tivesse nove homens mortos, e tres feridos; e o negocio se executasse sem o soccorro das tropas de D. Jozé Philipe Mongudo.

“ Na mesma hora, e do mesmo lugar, eu tenho outra communicação de D. Affonso Octavio, que atacou 300 homens na villa de Maurique, e fez 61 prisioneiros.

“ O total dos mortos, feridos, e prisioneiros monta á tres officiaes, um cadete, e mais de 100 homens; tenho agora pre-enchido o desigmo que formei na minha retirada de——

“ Vos tereis a bondade de apresentar este despacho a Sua Magestade, e informalla tambem que tenho tenção de partir com os prisioneiros para a vossa corte. Deus vos guarde, &c.

(Assignado) MARQUES DE LAS ATALAYUELAS.

Cuenca, 23 de Agosto.

---

*Sevilha, 7 de Setembro.*

Despacho da Juncta de Placencia, datado de 16 de Agosto, de uma parochia d'aquelle districto.

“ EXCELLENTISSIMO SENHOR! Aos 11 do corrente, communiquei a vossa Excellencia as occurrencias, taes como tiveraõ Lugar relativamente ás operaçoens do inimigo. Desde entaõ, so somos informados, que a maior parte do seu exercito fica em Placencia, e que, d'ali, numerosas partidas saõ destacadas a saquear, e a devastar os lugares vizinhos. D'ali nós vimos, por tres dias, uma conflagraço em Serradilla, onde elles queimáram alguns celleiros, productos, e curraes, quasi 80. cazas, e entre ellas um convento de freiras. Matáram um grande numero de pessoas, e mesmo os animaes, que encontráram no caminho, deixando o paiz reduzido a ultima ruina. Referio-se tambem, que os seguintes lugares foraõ queimados, alem de outros; Pasanon, Arroyo, Molenos, el Barrado, Garganta, La Olla, Taxada, Richobos, Malpartida, e La Oliva. Elles registraõ com o maior cuidado os pequenos acampamentos, que fazem nos desfiladeiros, e sobre as montanhas; e naõ contentes com roubarem por toda a parte, na sua brutalidade feroz, atiraõ sobre pessoas indefezas, e mátam toda a creatura, que cahe nas suas maõs. Como Salteadores, despojaõ o viajante da sua propriedade. Juncto a Serradello ataraõ de maõs, e péz, e roubaraõ 11 almocreves, os quaes depois assassinaram. Taes saõ as mostras de valor, e taes os effeitos horriveis da policia destruidora do cruel heroe. Parece que o director de taes mortandades he o seu Marechal Imperial o Duque de Dalmacia, em cujo nome nós vimos hontem uma ordem, que foi enviada á cidade de Coria pelo Commissario Le Noble, para que á 14, 16, e 18 do corrente se mandassem a Placencia, aos armazens militares, uma quantidade de provisoens, e outros artigos, que iam particularmente

circumstanciados, e entre estes uma arroba de Quina. Esta requisição não foi feita sem o agradável acompanhamento das ameaças usuaves em caso de desobediencia. Achamos tambem, que hontem veio o inimigo examinar com grande attenção a ponte de Cardinal, que tinha sido quebrada, e mandou buscar madeira a cidade real de S. Carlos afim de a reparar. A Juncta deo immediata informação destas circumstancias aos Generaes do nosso exercito, e determináram, que se empregassem exploradores da cidade de Torrejon para espreitar os movimentos do inimigo.”

---

*Madrid, 26 de Setembro.* O Ministro do Interior dirigio aos Directores das livrarias publicas uma ordem, que em substancia se reduz ao seguinte.

“ Como se não deve fazer caso das prohibiçoens arbitrias do extincto tribunal da Inquisição, que tem sido taõ fatal aos progressos de civilização, conhecimentos, &c. vós observareis a seguintes regras.”

“ ART. I. Não se fará uso algum do index ou catalogo de livros prohibidos pelo extincto tribunal da Inquisição.”

“ ART. II. Os unicos livros que se não devem publicar são aquelles em que se attaca directamente a religião do Estado ou o Governo: as obras obscenas que corrompem e estrágam a moral: as que contem maximas de impiedade e libertinismo: e ultimamente as que recommendam a practica de devoçoens supersticiosas.”

*Napoles.*

Joachim Napoleaõ Rey das duas Sicilias, &c. Considerando que os motivos que induziram o nosso illustre predecessor a supprimir certas ordens religiosas, pela lei de 13 de Outubro, de 1807, ainda tem a mesma força relativamente ás instituçoens religiosas, que existem.— Considerando que a suppressão destas ordens he medida que imperiosamente exigem as presentes circumstancias,

e que deve operar não somente sem prejuizo dos individuos que as compoem, mas ainda melhorando a sua condiçãõ, concedendo-lhes a maior pensãõ que permittirem as finanças do Estado, e proporcional á propriedade, que os bens nacionaes adquirirem com essa suppressãõ.—Em consequencia do relatório dos nossos Ministros do Culto, de Justiça, e de Finanças, temos decretado, e decretamos o seguinte.

Em todo o nosso Reyno ficam supprimidas as seguintes ordens religiosas.—Os Dominicanos, e todos os frades originados desta ordem. Os Menores da terceira ordem de S. Francisco. Os Minimios. As duas Ordens Carmelitanas. Os Irmaõs de S. Pedro de Pisa. Os Servitas. Os Irmaõs de S. Joaõ de Deus. Os Trinitarios das Mercês Hespanhoes e Italianos. Os Agostinhos. Os Silvestreanos. Os Basilicos. Os Theatinos. Os Minoritas Regulares. Os Cruciferos. Os Clerigos da Mãy de Deus. Os Bamalitas. Os Samaschianos. Os Padres de S. Roque.

---

*Russia.*

Ao Governador Civil de Livonia, e Conselheiro effectivo de Estado, Repiel.

Aos 5 deste mez se concluiu um tractado de eterna paz e amizade, entre a Russia e Suecia, assignado em Fredericksham pelo nosso Ministro Plenipotenciario, o Conde de Romanzow, e pelo Baraõ Stedink da parte de Suecia.

Todas as proposiçoens que fizemos, relativamente á dicta paz, fõram aceitas, e a incorporaçãõ do Gram Ducado de Finlandia com o Imperio Russiano foic onfirmada. Formam a fronteira dos Estados a Cidade de Torneo, e o rio do mesmo nome.

Assim se concluiu uma guerra, cujos acontecimentos varios tem cuberto de immortal gloria aos exercitos Russianos; e cuja terminaçãõ tem addido ao Imperio Russiano um paiz habitado por povos industriosos, celebres

pelos seus progressos na agricultura, seus mercados, fortificações importantes; e fortaleza de Sweaborg, que tem augmentado, e segurado para sempre as fronteiras do nosso paiz natal, por aquella parte.

Em quanto offerecemos as nossas acções de graças ao Ente Divino, que foi servido favorecer a Russia, e coroar as suas armas com o bom successo, nos damos pressa a participar-vos este feliz acontecimento, sentindo-nos perfeitamente satisfeitos com que todos os nossos fieis subditos se unam com nosco em dar graças ao Altissimo, pela feliz conclusã da taõ desejada paz.

Quanto ao resto, depois das ratificações serem trocadas se fará o tractado de paz publico, em um distincto manifesto.

Fico sendo	Vosso affeicoado, &c.
S. Petersburgo,	(Assignado) ALEXANDRE.
Sept. 7, 1809.	

---

*Reflexoens sobre as novidades deste mez.*

*America Hespanhola.*

A p. 393 deste numero dêmos uma proclamação do Governador de Buenos Aires, em que se pôde ver quaes éram as ideas da Suprema Juncta de Sevilha, relativamente ás colonias Americanas. Depois recebemos gazetas de CARACAS, e na de 28 de Maio passado vem uma carta official do Secretario da Juncta Suprema D. MARTIN GARAY, ao Governador de Caracas: em que D. Martin faz menção de uma carta escripta pelo GENERAL MIRANDA á Camara de Caracas, e depois de invectivar muito contra os sentimentos do General diz; que mandára aos embaixadores Hespanhoes em Londres, que fizessem ao governo Inglez uma queixa formal deste sujeito.

Nos teremos occasião de publicar para o futuro naõ só esta carta por inteiro, mas as outras aque ella se refere; por serem documentos mui essenciaes á historia do novo Mundo. Por ora contentamo-nos com dizer; que a carta do general Miranda, para os habitantes de Caracas, tinha por fim o recommendar-lhes o estabelecimento de algum governo provisional para se oppor á usurpação dos Francezes.

O General Miranda um natural de Caracas, residente em Londres, assim obrava, quando em Hespanha, mesmo alguns dos que agora figuram com a Juncta, estávam em Madrid acclamando rey de Hespanha e das Indias a Jozé Bonaparte. A confusãõ das ideas politicas ou de D. Martin, ou de quem quer que notou aquella carta, he conspicua em dizer elle; que se queixaraõ do general ao Governo Inglez, quando o general de acórdo com éste governo tratava de salvar a sua Patria das mãos dos Francezes; e quem se lembraria de chamar a este acto crime em Londres? se D. Martin lhe chamasse crime, em Paris, seria melhor attendido. Como este sugeito continua ainda a ser em Londres o advogado dos Hispano-Americanos, he de esperar, que na crise actual sêjaõ naõ so efficazes, mas summamente importantes, os serviços que elle fará ao seu paiz: a pezar da imbecilidade daquelles que tinham mais obrigaçaõ, e meios de se aproveitar das circumstancias.

---

*Austria.*

Chegou por fim o termo da ruina desta antiga monarchia. O infeliz armisticio de Znaim depois da batalha de Wagram abriu a porta ás gocioçoens, que findáram pela humiliaçaõ do Imperador Francisco. Nos nunca duvidamos que a Austria éra capaz de pôr em campo, um numero de tropas sufficiente para arrostar os Francezes; principalmente quauodo se considera a vastidaõ de suas milicias de Landwehr: mas e quereria essa Landwehr brigar, para deffender os interesses da caza d'Austria? Quem offerecia mais vantagens aos povos e os Francezes, ou o Gabinete Austriaco? A resposta a estas perguntas conteriam a decizaõ do que deveria resultar da campanha; mas quanto á força numerica naõ podia haver duvida.

---

*França.*

A carta de Champagny ao Ministro Americano, que publicamos a p. 409 contem uma especie de recapitulaçaõ dos argumentos, que os Francezes tem produzido, para justificar a sua atroz conducta em atacar todas as naçoens do mundo; para fazer mal á Inglaterra, cou quem estaõ em guerra. Este manifesto, alias bem escripto, só tem um defeito; e he, naõ conter uma palavra que seja verdadeira. Diz elle, que a França reconhece o principio de que a bandeira protege a carga; isto seria uma theoria mui agradavel ao Governo Francez; porque naõ tendo marinha da guerra, faria o seu commercio em navios neutross; mas ainda que este principio fosse admittido por In-



glaterra ? como seria elle respeitado pelos mesmos Francezes ? Do mesmo modo que respeitam os direitos soberanos das naçoens independentes : exemplo Portugal, Roma, Hespanha, &c. &c. &c. Que-rem os Francezes que um navio mercante, com passaportes de seu governo, seja considerado como uma colonia fluctuante ; nisto não convem Watel, nem Grotio ; mas conviria muito aos Francezes em sua desmedida ambição de governar o Mundo. Diz Champagny, que os mares não pertencem a ninguem ; he verdade ; e por isso mesmo tem os Inglezes o direito de se apoderar, no mar alto, dos bens de seus inimigos, ainda que abordo de um navio neutral. A historia dos regulamentos de guerra sobre o Commercio dos Neutraes he pervertida, neste papel, a um ponto de falsidade incrível : os Francezes inventando um principio de direito das gentes nunca dantes admittido, declaráram bloqueadas todas as ilhas Britanicas ; e por consequencia sujeitáram a captura qualquer vaso neutral que intentasse entrar em algum porto Britanico. A Inglaterra esperou um anno, a ver se as naçoens neutraes se resentiam desta injustiça, e vendo que o não faziam, retorquio áquelle decreto de bloqueio geral, declarando, por forma de represalias, que não deixaria entrar nos portos Francezes neutral algum, sem que primeiro tivesse tocado em portos de Inglaterra ; quem he logo o aggressor senão o Governo Francez ? Se alguma d'estas naçoens podia declarar a outra em bloqueio he a Inglaterra, que tem effectivamente uma esquadra de mil vasos capaz de formar um cordão de bloqueio a todos os portos Francezes ; mas a Inglaterra não fez isto ; contentou-se com retorquir á prohibição dos Francezes declarando, que so deixaria entrar em seus portos os neutros, que houvessem tocado em Inglaterra ; quando a França, incapaz de mandar ao mar outra cousa que não seja algum corsario, declara um bloqueio geral á Inglaterra. Taes são os raciocinios dos politicos Francezes !—

Nos publicamos aquí um acrostico, que nos foi communicado, por pessoa que bem conhece o objectó de sua censura e julgamos que este *jeux d'esprit* não será desagradavel senão aos apoiaionados do Usurpador, cujo nome e titulos mostram as iniciaes das palavras seguintes.

Nationibus Auctoritatem, Principibus Obedientiam, Libertatem Ecclesiae, Omnimodo Negabit.

Bona Usurpabit Omnium, Neutrorum Aurum, Populorum Argentum Rapiet ; Tyrannus Execrandus !

In Machiavello Precipit Eruditus Regnandi Aviditate Totum Orbem Reges

& Romanam Ecclesiam Xerucciabit.

N. B. Esta mesma deffiniçãõ lhe poderá servir de epitaphio, mudando-lhe os futuros para preteritos. Os seus aduladores Francezes (sem atormentar o seu espirito servil) aqui acharãõ o epitaphio que convem ao idolo de que elles saõ escravos e satellites.

---

*Hespanha.*

As noticias militares deste paiz saõ de muita consolaçãõ ; porque alem de Gerona ter sido soccorrida, o esperito militar da naçãõ parece augmentar em vez de diminuir, como dizem os Francezes. Naõ he porém igual a nossa satisfacçãõ, quando contemplamos os regulamentos civis da Hespanha. A Juncta Central começou a decahir de de sua popularidade ; 1.º por sua falta de energia, 2.º pela sua demora em ajunctar as Cortes, instituiçãõ popular, que agradaria a todos os Hespanhoes ; 3.º em naõ fomentar a introducçãõ de certos melhoramentos que todos esperãvam. A Juncta pensou que se livrava destas accusaçoes impondo novas restricçoes á liberdade da imprensa ; e particularmente prohibindo o *Semanario Patriotico*, o melhor Periodico, que se imprimia em Sevilha. Esta medida teve o effeito que prognosticãram os membros mais illustrados da mesma Juncta, como he Calvo, e outros ; e foi ; o originar um grito, quasi universal, para a aboliçãõ da Juncta ; e diz-se, que se vai a crear uma Regencia. Com effeito esta desapprovaçãõ da conducta da Juncta naõ he simplesmente uma noçãõ insensata da populaça ; porque até foi ja expressa em uma representaçãõ do Conselho de Castella, que publicaremos no numero seguinte. Estas dissensoens saõ muito para lamentar na crise actual, mas se for elleito Regente, como se diz, o Arcebispo de Toledo, esperamos que elle, chamando as Cortes, e fazendo a bem dos povos o que todo o mundo deseja, dará a ésta guerra o character popular que ella deve ter.

---

*Inglaterra.*

**RENDAS PUBLICAS.** Temos a grande satisfacçãõ de poder asseverar que o excedente do Fundo-Consolidado, no quartel que acabou a 10 de Outubro, 1809, foi maior do que em nenhum outro quartel desde que se estabeleceo aquelle fundo, pois chega á somma de 3:100.000 de libras esterlinas. O seguinte he um abstracto desta conta, comparada com a do quartel correspondente no anno passado.

1808.	1809.
Rendimento—£ 9:062.117.	£ 9:845.300.
Despezas	6:700.000.
<hr/>	<hr/>
Excedente 2:714.630.	3:145.300.

Alem disto as contribuiçoens de guerra produziram o quartel passado 6:688.627; o que he 285,000 libras mais do que o seu montante no quartel que acabou em 10 de Outubro de 1808.

A mudança de Ministerio, neste paiz, e as disputas particulares de alguns membros do gabinete, principalmente Lord Castlereagh, e Mr. Canning; são objectos de summa ponderação pelas importantes consequencias, que bem depressa se farão sensiveis a toda a Europa. Ainda que a dissensão entre aquelles dous sugueitos existisse ja muito antes de haver o negocio rompido, e terem um duelo, em que Mr. Canning ficou ferido em uma coxa, com tudo a explosão arrebitou pelas seguintes declaraçoens.

### *Carta do Lord Castlereagh a Mr. Canning.*

Praça de St. Jaimes, 19 de Sept. 1809.

SENHOR! Seria inutil referir por menor as circumstancias, que precedêram as resignaçoens que acabam de succeder. Basta-me, para o objecto immediato desta carta, dizer; que se havia agitado a proposição de me tirar a Repartição da guerra, em que tal cousa se me participasse: e que, cerca do fim da Sessão passada do Parlamento se pedio, com instancia, uma decisaõ sobre ésta questãõ, offerecendo vós a alternativa de vos retirareis do governo; e obtivesteis do duque de Pertland uma promessa positiva (cuja execuçaõ vós ao depois julgasteis que tinheis direito a reclamar) de que se effectuaria a minha demissaõ. Apesar desta promessa, pela qual acho haveis vós pronunciado, que não éra conveniente, que eu continuasse a ficar encarregado da conducta da guerra; e em consequencia da qual a minha situaçaõ, como ministro da coroa, dependia da vossa vontade e arbitrio, vós continuasteis a assentar-vos comigo no Gabinete, e não somente me deixasteis na persuasaõ de que eu possuia a vossa confiança e apoio, como meu collega; porém, ainda mais, desprezando os principios de boa fé, tanto publica como particular, sabendo vós que eu estava virtualmente despedido, me deixasteis propor e executar uma nova empresa, da mais difficil e importante natureza, dando a ella, apparentemente, o vosso apoio, e approvaçaõ externa.

Vós conheceis perfeitamente que, se me tivesse sido revelada a mi-

nha situação; eu não me houvera sugereado a ficar, um so instante, no meu lugar, sem faltar absolutamente á minha honra pessoal, e dever publico. Vos sabeis que eu estava enganado, e continuasteis a enganar-me.

Conheço que se poderá dizer, e estou prompto a convir nisso, que, quando vós insististeis em que se decidisse a minha demissão; taõbem instasteis para que se me desse parte disso; e que o duque de Portland e alguns membros do governo, que se julgavam meus amigos, se oppuzeram a isso. Mas não posso jamais admittir que vos tinheis o direito de alegar uma razão similhante, para justificar uma acção, que diz respeito a minha honra, nem que os sentimentos de outrem pudessem justificar a vossa acquiescencia a similhante engano, depois de havreis vos mesmo reconhecido, que éra um acto desleal. Tambem não posso admittir, que o chefe de uma administração qualquer, nem algum supposto amigo (quaesquer que sêjam os seus motivos) pode authorizar a ninguem, ou approvar um curso de enganos taõ longo, e bem sustentado; porque se se admittisse um tal principio, a minha honra, e a minha reputação, ficariam, desde entaõ, á descripção de pessoas, sem authoridade, e que vos sabeis que não tinham authoridade de obrar por mim em tal caso. Saõ logo as vossas acçoens, e a vossa conducta, que me enganaram, e me he impossivel estar colocado por vos em uma situação aque nenhum homem de honra se poderia, submeter, se a soubesse, e na qual elle não soffreria pacientemente, que o puzessem por traição, sem perder a sua reputação.

Não tenho nenhum direito, como homem publico de me queixar, porque vos haveis pedido, com motivos de natureza publica, a minha demissão do emprego particular, que eu occupava, ou ainda da administração, como condição sem a qual vos não quererieis continuar a ser membro do Governó; mas certissimamente tenho o direito de esperar, que uma proposição mui justa em si mesma, não será posta em execução de uma maneira injusta, e á custa da minha honra, e da minha reputação. E acho que vos ereis obrigado, pelo menos, a aproveitar-vos da dicta alternativa; isto he offerecer a vossa demissão; para não ficar no caso de practicar a meu respeito este engano, de que usasteis requerendo a minha demissão.

Nestas circumstancias sou obrigado a pedir-vos a satisfacção, que me julgo com direito de receber

Sou, &c.

(Assignado)

CASTLEREAGH.

Ao muito Honrado George Canning, &c.

*Resposta.*

Gloucester Lodge, 20 Sept. 1809.

MY LORD! O tom e contheudo da carta de V. S., que recebo neste instante, me impedem o dar nenhuma outra resposta ás mas intelligencias e representaçoens mal fundadas de que ella abunda, senaõ ; que darei com prazer a V. S. a satisfaçaõ que exige.

Sou, &amp;c.

*(Assignado)*

GEORGE CANNING.

Ao Lord Visconde Castlereagh.

---

A 25 de Outubro entrou El Rey George III. de Inglaterra nos 56 annos de seu feliz reynado; e como este successo so aconteceo duas vezes desde que se estabeleceo a monarchia Ingleza; quiz' o povo voluntariamente dar uma prova de sua lealdade celebrando por todo o reyno este dia, como dia de jubileo. As differentes corporaçoes déram muitos banquetes; os particulares illumináram as suas casas; abriram-se subscriçoes voluntarias para libertar os presos por dividas; e dar de comer ás pessoas necessitadas; cantáram-se hymnos da acçaõ de graças em todas as Igrejas; em fim esta demonstraçaõ espontanea dos subditos deve ser taõ agradavel ao bom Monarcha, quanto a satisfaçaõ do seu excellente governo he geral em todos os individuos. Naõ cabe nos limites deste papel descrever as particularidades desta funçaõ verdadeiramente nacional; mas daremos aqui a carta pastoral do Bispo Catholico do districto de Londres, o qual posto sêja de communhaõ differente da do Monarcha, roga a Deus pela prosperidade de um reynado, durante o qual os Catholicos Romanos tem gozado em Inglaterra tal gráo de tolerancia, que nunca obtivéram nos reynados anteriores. El Rey, protegendo igualmente todos os seus subditos contra a perseguiçaõ dos fanaticos e intolerantes, homens que pervertem e desgraçeam todas as Religioens do Mundo, tem mostrado que elle naõ he o Rey de um partido, mas o Soberano de todos os seus subditos. Nos igualmente aproveitamos esta occasiaõ de mostrar o nosso agradecimento a este Soberano, de baixo de cuja benigna protecçaõ temos a felicidade de gozar da nossa liberdade pessoal, e dos bens que procuramos com a nossa industria á sombra das sabias, e respeitaveis leis da Inglaterra. QUEIRA A DIVINÀ MISERICORDIA PROSPERAR E DILATAR SEUS PRECIOSOS DIAS. He o nosso mais sincero voto.

---

*Pastoral.*

A todos os feis do Districto de Londres.

AMADOS IRMAÓS! O Todo Poderoso Senhor Deus, por quem os Reys reynam (Prov. iii. 15.) foi servido, por sua misericordia, prolongar o reynado de nosso amado Monarcha, em quanto nas revoluçoens de outros Imperios e Reynos tem acontecido terriveis catastrophes. Nestás mais venturosas ilhas nós temos gozado a invejada segurança em nossas casas, em quanto, n'outros paizes, todas as cousas, sagradas e profanas, altares, e thronos, tem sido precipitadas em um montaõ commum de ruinas. Quando olhamos para o passado, e contemplamos todas éstas bençaõs, e as muitas oppressivas restricçoens de que os catholicos tem sido libertados sob o reynado de S. M. reynante, devemos reconhecer que a gratidaõ, e as acçoens de graças, saõ a menor retribuiçaõ que podemos fazer.— Por ésta razaõ, amados Irmaõs, unamo-nos em hymnos de louvor, e jubileo ao Soberano Arbitro de todos os acontecimentos, e roguemos-lhe que prolongue os dias do nosso amado Soberano; que dê sabedoria aos seus Conselhos, e vigor á sua fortaleza, e que outra vez abençoe o paiz com a paz. Pelo que, amados Irmaõs, encarrecidamente vos exortamosa que vos ajuncteis ao redor de vossos pastores, para offerecer acçoens de graças, e oraçoens, no dia quarta feira, 25 do corrente. E consequentemente he ordenado a todos os Padres, que tem a cura de rebanhos, ou que officiam como taes; que, ao depois de cantada ou rezada a missa daquelle dia, recitem ou cantem, o façam recitar ou cantar o psalmo “ Exaudiat,” com o versiculo “ Domine salvum faz Regem,” e a Oraçaõ “ Pro Rege, Qucesumus Omnipotens Deus.”

Por ordem de JOAÕ, Bispo de Centuriæ. V. A. I.

JOSEPH HODGSON. V. G.



*Portugal.*

O numero dos Governadores do Reyno foi diminuido havendo o Principe Regente dispensado os serviços de D. Francisco Xavier de Noronha, e Francisco da Cunha e Menezes, no que diz respeito ao governo do reyno. O primeiro porém ficou continuando na presidencia da Meza da Consciencia e Ordens, e o segundo na presidencia do Dezembargo do Paço. Os Membros que restam são o Marquez das Minas o Monteiro Mor de Reyno, e o Patriarcha Eleito de Lisboa. (Bispo do Porto.) Estes sujeitos gozam a confiança da nação, e tem o credito de serem bem intencionados; assim foi ésta alteração geralmente approvada; e nós nos alegramos de vêr, que nesta escolha se attende á vós publica. Tambem se diz, que Lord Wellington fôra nomeado pelo Principe Regente Chefe do Governo, tanto civil como militar. As nossas cartas de Lisboa vem somente até 10 de Outubro, dia em que Lord Wellington chegou a Lisboa, vindo do exercito que deixára em Badajos; as gazetas que recebemos chegam a 11 de Outubro; mas tanto as cartas como as gazetas não nos referem uma só palavra sobre estes novos cargos, que se diz fôram conferidos a Lord Wellington.

  
*Suecia.*

Esta nação fez a sua paz com a Russia, mais ainda se não fez publico o tractado; o que se sabe he que foi cedido á Russia o importante territorio que fica ao Leste do golpho de Bothnià com a importante fortaleza de Sweaborg. Alem disso a condição (impreterivel para ter amizade com a França) de fecharos seus postos á Inglaterra. A insignificancia de Suecia, confiuando agora com a Russia pelo rio Tornea, reduz esta nação a ponto de que a devemos suppor riscada da lista das naçoens Soberanas ou independentes.

*Brazil.*

Nos tivemos ja occasião de observar, sobre a necessidade que ha de de uma reforma immediata no governo das provincias do Brazil; a conducta do governador da Maranhão D. Francisco de Mello Manuel da Camara, que nos deo motivo aquellas observaçoens; agora o mesmo governador fez que viesse ter com nosco aqui a Londres um caso, em que não podemos deixar de fallar. O Juiz de Fora do Maranhão foi prezo por aquelle desposta; e depois de acompanhar ésta vio-

encia com infinitos absurdos e illegalidades; atreve-se o Governador a mandar para Inglaterra o seu prezo remettendo-o ao ministro de S. A. em Londres, para que o enviásse ao Rio de Janeiro. Se não fosse a obediencia daquelle Juiz de Fora, em se submetter voluntariamente a ésta disposiçãõ e a prudencia do ministro de S. A. aqui em manejar o negocio por bem; teria aquelle governador envolvido a nação Portugueza na scena mais ridicula, qual éra o exercitar um governador de negros do Brazil jurisdicção criminal em um reyno estraangeiro. O tribunal de *King's Bench* aqui teria concedido immediatamente o *writt de Habeas Corpus* a favor do preso, e o escandalo que dessa transacção se seguiria, havia ser da maior confusaõ e vergonha ao nome Portuguez, por toda a Inglaterra. Taes são as consequencias de confiar o governo dos povos nas mãos de um governador absoluto, e esse tirado de uma classe de pessoas, que de sua profissãõ não conhece mais lei que a da força. Os militares são taõ improprios para governar os povos, quanto lhes he applicavel a maxima daquelle máo Francez: *le droit que nous connaissons est le droit du cannon.*

Do Brazil não temos outra cousa de novo senãõ que se nomeou um Intendente Geral para Cayena e Goyana Franceza, hoje um appendiculo do Brazil. O Magistrado nomeado para este lugar he o D.<sup>o</sup> Joãõ Severiano Maciel da Costa; e se nós fossemos de opiniaõ, que seria alguma vez prudente conferir poderes taes, quaes elle tem de gozar em seu novo emprego, seria a este sugeito aquem por suas luzes, e boa moral diriamos que deviam competir. Mas bem longe de tal pensarmos julgamos, que nem os 800 homens que o acompanharãõ para a nova colonia, em reforço da guarnição que lá se acha, nem a reuniaõ em sua pessoa de poderes civis, criminaes, e de fazenda poderaõ produzir outro effeito no espirito dos novos subditos, senãõ o desejo constante de volver a alguma dominação menos arbitraria

Como nos estamos na hypothese de que existe no Brazil a mesma combinaçãõ de homens, que por uma serie de medidas oppostas aos interesses do Soberano e da nação dispuzeram as cousas de maneira que esteve o Reyno a ponto de ser a preza dos inimigos sem que se tomassem a esse respeito precauçoens algumas, todas as vezes que observamos medidas menos justas, ou impoliticas, no Brazil, a esse partido as attribuímos; e sem duvida em vez de um reforço de 800 homens para a guarnição da nova colonia, deveriam ir 800 decretos em que se adoptassem 800 medidas calculadas a promover a industria, favorecer a liberdade do commercio, fomentar a instrucção e as artes, conservar as instituçoens saudaveis, proteger os direitos dos individuos, &c. &c. estes sim que são grilhoens com que se prende um povo



a seu governo, de maneira que ninguem de fora os pode romper; e ninguem de casa os deseja quebrar.

Os que promoven no Brazil as medidas que nós não approvamos, e que são justamente o que se denomina o partido Francez, quando forem convencidos por alguma terrivel evidencia phisica de sua má politica, responderão o mesmo que disséram ja a respeito do que succedeo sobre as negociaçoens com a França, antes da partida da familia Real para o Brazil; isto he: “enganamo-nos; não subiamos disso.” Mas concedendo, por argumento, que a ignorancia foi a causa de seus mãos conselhos; essa ignorancia he tão crassa, que seria mais que sufficiente razão para similhantes homens nunca serem ouvidos nos negocios publicos do Brazil. A 27 de Outubro de 1807, e assignava em Fontainebleau um tractado, em virtude do qual convinha o Imperador dos Francezes, e o Rey de Hespanha na partição do Reyno de Portugal (vide Corr. Braz. vol. i, p. 431.) A corte de Lisboa tinha em Paris um Ministro, o qual veio a esse mesmo tempo a Lisboa, e com lagrimas de falsario intentou persuadir ao Monarcha, que não deixasse a sua residencia, antes permittisse aos Francezes executar o seu plano. A 24 de Novembro seguinte fez-se conselho de Estado em Lisboa, onde foi resolvida a partida da familia Real para o Brazil; e não podia deixar de adoptar-se ésta resolução; porque as tropas inimigas tinham ja entrado o reyno e continuavam sua marcha; o escandalo éra univèrsal; e assentam aquelles Ministros que ficam desculpados com dizer que estavam ignorantes do que se passava no Mundo se a sua imbecilidade he tão crassa como isto; são estes os homens que o Soberano deva ja mais ouvir como Conselheiros?

Nos voltaremos outra yez a este importante artigo; por ora concluiremos com dizer, que só homens vendidos aos Francezes poderão, em tempos como os nossos aconselhar outros meios ao Soberano de manter os seus justes direitos, mais do que a propagação das sciencias, a promoção das artes; e a protecção dos direitos dos povos, e da feicidade geral da nação; o mais he tractar directamente de arruinar a confiança do governo, fazendo-o adoptar medidas odiosas aos homens bem pensantes, que são os que em toda a parte do mundo dirigem a opiniaõ publica

## CONRESPONDENCIA.

Em uma das gazetas Francezas, que se imprimem nesta Cidade, appareceo um artigo mui disparatado; ou antes um tecido de grosseiras calumnias contra o Redactor desta obra. Elle desejára ser informado se o fullano *Correa*, que se assigna, e descreve como Encarregado-de-negocios na Suecia, e viajando por causa de sua saude, he pessoa de alguma entidade, ou se he um louco que esteve algum tempo em Suecia como encarregado de negocios, a quem a Corte de Portugal, a requerimento do Governo Sueco apeou da quelle lugar, pela sua conhecida incapacidade, e que agora se acha Londres reduzido a fazer o papel de caturra para subsistir. Se o author daquelle artigo fosse realmente pessoa de seriedade, que tivesse o mesmo nome (o que não supponho) dariamos uma resposta réria; mas a ser o mentecapto a que alludimos como he provavel, compadecemos-nos sinceramente do seu estado de loucura; e lamentamos ao mesmo tempo; que o respeitavel editor daquelle papel fosse enganado ao ponto de manchar as suas paginas com os delirios de uma infeliz creatura, de quem se serve o desprezivel agente, que aqui maneja os interesses do partido Francez no Brazil.

---